

Amigos, ou seja, testemunhas

**Assembléia Internacional de Responsáveis
de Comunhão e Libertação**



Amigos, ou seja, testemunhas

Assembléia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação

La Thuile, 25-29 de agosto de 2007

Na capa:

Caravaggio, *Vocação de São Mateus* (detalhe), 1599/1602.

Igreja de São Luís dos Franceses, Roma. © Foto: Arquivo Scala, Florença

Na Assembléia Internacional de Responsáveis deste ano quisemos verificar o trabalho que cada um de nós havia começado a fazer sobre o conteúdo dos Exercícios Espirituais da Fraternidade: “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”.

Já desde a primeira assembléia ficou clara uma dificuldade para reconhecer o Mistério agindo na realidade, uma dificuldade para fazer a experiência de uma familiaridade com ele dentro das circunstâncias do dia-a-dia. Não conseguimos enfrentar essa dificuldade sozinhos, como todos percebemos claramente olhando para nossa experiência pessoal. Sendo assim – dissemos –, o Mistério só pode se tornar familiar para nós quando se torna mais fortemente presente.

De fato, por piedade por cada um de nós, o Mistério, num determinado momento, entrou na história, tornando-se um fator da realidade, não para poupar-nos do drama da vida, mas para nos ajudar na nossa aventura humana. É uma coisa que Dom Giussani nos lembra: “Deus, do qual tudo deriva, permaneceria na vaguidade e não determinaria a vida se não tivesse Ele mesmo entrado na vida como Fator dela, um Fator determinante que lhe dá significado, densidade, valor” (Em busca do rosto do homem. São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, p. 30).

Só a Sua presença histórica, que continua a nos ser contemporânea, na continuidade de Cristo em sua Igreja, tem a capacidade de nos conceder uma educação que nos introduza à totalidade do real, até o ponto de reconhecermos o Mistério aí presente. Em outras palavras, para que o Mistério se torne familiar para nós, é preciso haver pessoas que nos corrijam constantemente, que nos façam ir em frente quando paramos na aparência das coisas, que nos ponham de volta nos trilhos quando saímos do caminho.

Nós precisamos de testemunhas, ou seja, de amigos que reconheçam o Mistério presente e nos ajudem a reconhecê-Lo, sem nos substituir em nossa relação com Ele. Amigos, ou seja, testemunhas que não nos poupem da caminhada que a nossa razão e a nossa liberdade precisam fazer.

Este pequeno livro pode nos ajudar a ver o tipo de trabalho que nos espera sobre o conteúdo dos Exercícios da Fraternidade. Nós o oferecemos a todos como um exemplo do empenho que é necessário para viver, sem o qual Cristo pode permanecer inexoravelmente distante do nosso coração, como uma “palavra” que nunca acontece na nossa vida. Somos amigos para nos ajudar nesse empenho.

Sábado, noite
25 de agosto de 2007

INTRODUÇÃO

Julián Carrón

“Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”¹. Mas, para que Cristo me atraia todo para Ele, é preciso que eu não O reduza. Para que Ele possa me atrair por inteiro para Ele, é necessária toda a imponência de Sua beleza, de Sua atração. “Invocar o Espírito”, dizia Dom Giussani num dos últimos textos publicados em *Passos*, “significa uma coisa só: que o Espírito nos faça entender e realizar as dimensões de Cristo, que nos faça entender, compreender as medidas de Cristo, portanto a estrutura de Cristo, e tão-somente isso”². Tantas e tantas vezes experimentamos a redução de Cristo às nossas medidas: quanto mais temos consciência disso, mais sentimos a urgência de gritar ao Espírito, para que a força desse Espírito faça Cristo penetrar em nós, faça toda a Sua verdade resplandecer diante dos nossos olhos. Quanto mais sentimos essa nossa necessidade, maior a consciência com que podemos gritar e cantar *Ó vinde, Espírito criador*.

Ó vinde, Espírito criador

“Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”³. Devemos nos deter à frente de Alguém que nos olha assim, de Alguém que olha as-

¹ Jacopone de Todi. “Como l’anima se lamenta con Dio de la carità superardente in lei infusa”, Lauda XC. In: *Le Laude*. Florença, Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.

² Giussani, L. “No grande mar da vida comum, uma novidade constante”. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 84, julho de 2007, p. 6.

³ *Mt* 10,30.

sim para o nosso nada, até para o detalhe dos nossos cabelos: só se deixamos esse olhar entrar em nós, se nos identificamos com Alguém que nos olha assim, podemos realmente descobrir até que ponto pode chegar a paixão do Mistério pela nossa vida.

Cada um de nós pode ter chegado aqui com seus problemas, suas preocupações, seus aborrecimentos: qual é a primeira iniciativa do Mistério neste instante, que nenhuma das nossas preocupações pode deter, que nenhum dos nossos aborrecimentos pode impedir? A pessoa chega aqui e se depara com uma presença que lhe diz: “Até os cabelos da tua cabeça estão todos contados”. Nenhuma preocupação minha pode impedir que o Mistério faça isso, que Ele tome essa iniciativa, “antes” de qualquer outra coisa. Esse “antes” é o que define tudo. “Ele nos amou primeiro”⁴, diz São João. E São Paulo lembra a seus amigos de Éfeso: “Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele nos abençoou com toda a bênção do seu Espírito em virtude de nossa união com Cristo, no céu. Em Cristo, ele nos escolheu, antes da fundação do mundo”⁵.

No início deste nosso tempo de convivência, olhemos para esse “antes”, deixemos esse “antes” entrar, à frente de qualquer outra coisa: a questão é dar a esse “antes” a precedência sobre qualquer outra coisa. São Paulo conclui o hino em que torna seus interlocutores conscientes da escolha, da eleição de que foram objeto, fazendo um voto; e é o mesmo voto que eu dirijo a cada um de vocês: que o Senhor lhes dê um profundo conhecimento deste desígnio, deste olhar, desta paixão de Cristo por cada um de nós, que “ele abra o vosso coração à sua luz, para que saibais qual a esperança que o seu chamamento vos dá, qual a riqueza da glória que está na vossa herança com os santos, e que imenso poder ele exerceu em favor de nós que cremos, de acordo com a sua ação e força onipotente”⁶.

É uma precedência absoluta. Escreve Santo Agostinho: “O amor com que Deus ama é incompreensível [é tão misterioso, que é incompreensível] e não está sujeito a mutação. Ele não começou a nos amar apenas quando fomos reconciliados com Ele por meio do sangue de seu Filho, mas nos amou antes da fundação do mundo, chamando-nos a ser também seus filhos com o Unigênito, quando ainda não éramos absolutamente nada. Assim, o fato de com a morte do Filho termos sido reconciliados com Deus não deve ser ouvido nem tomado no sentido de que Ele então começou a amar a quem antes odiava, tal como dois inimigos se reconciliam e se tornam amigos, e começam a

⁴ 1Jo 4,19.

⁵ Ef 1,3-4.

⁶ Ef 1,18-19.

amar-se um ao outro como antes mutuamente se odiavam. Nós fomos reconciliados com quem já nos amava, com alguém de quem, em razão do pecado, nós éramos inimigos”⁷.

Esse “antes” é o segredo de tudo. Por isso Dom Giussani dizia, num dos encontros de responsáveis dos universitários contidos no livro *Certi di alcune grandi cose*: “Tal como a piedade foi o ponto de partida de Deus para nos tirar do nada, a piedade deve igualmente ser o ponto de partida para nós, pois só ela [a piedade de Deus por cada um de nós, e não a nossa iniciativa] nos tirará da nulidade do nosso desleixo, da nossa indolência, da nossa insensibilidade”⁸.

Tal como a piedade foi o ponto de partida de Deus, nós também devemos ter como ponto de partida essa piedade, esse “antes”. Essa piedade foi o início de tudo para nós. E não é apenas um “antes” cronológico: é o “antes” de cada instante, antes de qualquer coisa, antes de qualquer pensamento nosso. Aliás, nós só podemos pensar porque existe esse “antes”. Se não fosse esse “antes”, se não fosse neste momento esse “antes” de Alguém que nos escolhe, que nos dá o ser, que nos ama com essa paixão, que tem piedade do nosso nada, nós não existiríamos, nem nossos pensamentos existiriam. Podemos pensar o que quisermos e ter a imagem que quisermos de nós mesmos, mas ela estará errada se não tiver esse “antes” como ponto de partida.

O que Dom Giussani diz indica o “método”: não são nossos pensamentos, nossos propósitos, mas tão-somente a piedade de Deus por cada um de nós que nos tirará da nossa nulidade, da nossa indolência e da nossa insensibilidade. É preciso reconhecer essa piedade como algo presente, como algo que está acontecendo agora, como uma presença que abraça o meu nada, como um olhar presente que traz este juízo: “Até os cabelos da tua cabeça estão todos contados”. Não é um sentimento, é um juízo, é um olhar, é uma afirmação, é um reconhecimento do valor que nós temos para Aquele que nos faz agora. É impressionante surpreender alguém como Dom Giussani vivendo com essa consciência, comovendo-se justamente pelo fato de não dar isso por óbvio, de não o considerar algo que ele já sabe. “É o mistério da Trindade que domina a vida do homem e do mundo”, lemos em *Passos*, “[...] Cada dia da nossa vida é dominado, deve ser dominado pelo mistério da Trindade [por esse mistério]. O mistério da Trindade é o ‘*Dominus*’, é realmente o Senhor, o dono, aquilo pelo qual somos possuídos, a ponto de até os cabelos de nossa cabeça estarem contados”. E continua: “Não há pulsação da alma ou sentimento do

⁷ Santo Agostinho. *Comentário ao Evangelho de São João*. Homilia 110, 6.

⁸ Giussani, L. *Certi di alcune grandi cose, 1979-1981 (Ter certeza de algumas grandes coisas, 1979-1981)*. Milão, Rizzoli, 2007, p. 9.

coração que não extraíam sua energia e consistência dele [desse mistério da Trindade]⁹.

Somos possuídos, penetrados até a última fibra do nosso ser por essa Presença, pois somos feitos por Ele, até a última pulsação da nossa alma, até o sentimento último do coração. Como dissemos nos Exercícios¹⁰, isso é um dado, não uma convenção: não precisamos chegar a um acordo quanto a isso, é um dado. Por que é um dado? Porque ninguém neste momento poderia alongar sua vida num segundo que fosse: não conseguimos fazer isso, nem individualmente, nem todos juntos. Não precisamos chegar a um acordo. Aliás, o que nos faz chegar a um acordo é o reconhecimento disto: “Somos dominados por um Outro”. A comunhão é gerada nesse reconhecimento, não vem do fato de chegarmos a um acordo.

É por isso que Dom Giussani sente a urgência de pedir, de suplicar o dom do Espírito: “Envia teu Espírito e a vida renascerá em mim, envia teu Espírito e renovarás a face da minha terra. Eu creio que essa seja a tarefa concreta que devemos cumprir para viver o tema deste longo tempo [todo o tempo da vida], a consciência de sermos dominados pela Trindade¹¹. Como seria bonito se todos pudéssemos dizer isto: “Ninguém tem o gosto profundo de ser dominado como nós temos”¹². Como podemos viver isso? Só se a força do Espírito age tão profundamente em nós a ponto de fazer que isso se torne nosso. O Espírito não vem para nos trazer algo diferente do que Cristo nos trouxe, mas para fazer Cristo se tornar meu, profundamente meu, para tornar possível que tudo o que sentimos, que tudo o que já encontramos se torne cada vez mais nosso. Todos sabemos o quanto, tantas vezes, estamos longe dessa consciência, da consciência dessa Presença que deveria dominar o sentimento do nosso eu. Como estamos longe! Mas quando tivemos uma mínima percepção, mesmo que por um instante, do que significa isso, foi o fim do mundo. Por isso, quem teve essa percepção, mesmo que apenas por um minuto, não pode deixar de desejar que reaconteça, não pode deixar de sentir a urgência de gritar ao Espírito: “Faz que essa consciência se torne minha, que eu não diga ‘Cristo’ como digo ‘garrafa’ ou como poderia dizer algo formal, por mais ortodoxo que fosse, mas banal, que me deixa exatamente como eu sou; faz que tudo isso se tor-

⁹ Giussani, L. “No grande mar da vida comum, uma novidade constante”. Op. cit., p. 1.

¹⁰ “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”. Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Rímimi, 2007.

¹¹ Giussani, L. “No grande mar da vida comum, uma novidade constante”. Op. cit., p. 5.

¹² Id., *ibid.*

ne meu de forma que eu tenha o gosto profundo de ser penetrado por Ti, de ser dominado”. Quanto mais temos consciência da nossa pobreza, mais urgente se torna esse pedido em nós, mais sentimos urgente a necessidade da ajuda de um Outro. Era esse olhar, era esse “antes” que Jesus fazia qualquer um que O encontrava experimentar, como dizíamos nos Exercícios usando aquela expressão que o Evangelho repete: “Teve compaixão”. “Vendo as multidões, compadeceu-se delas”¹³, tal como se compadece de cada um de nós agora.

Mas por que nós temos tanta dificuldade para nos deixarmos penetrar por isso, para que seja isso o que nos domina? De fato, a vida seria realmente diferente se nós vivéssemos com a consciência de sermos dominados de verdade por um Outro, de sermos amados dessa forma, mirados com um olhar cheio de ternura conosco. A dificuldade que temos não se deve à falta de energia, mas a uma resistência, uma resistência a deixar esse “antes” entrar. Nós não podemos evitar esse “antes”, esse “antes” existe, a iniciativa do Mistério não depende de nós: Ele a toma em primeira pessoa. Esse “antes”, essa precedência é absoluta, mas é como se em nós muitas vezes houvesse uma resistência a deixar o Seu olhar entrar. Como dizíamos nos Exercícios, retomando o que Dom Giussani observava: “É uma resistência à beleza: à beleza, não ao sacrifício”¹⁴. Por quê? Por que essa resistência à beleza? Porque, se alguém deixasse esse olhar entrar por um instante que fosse, a partida estaria “perdida”, a pessoa seria arrebatada, ficaria tão fascinada que seria arrebatada de imediato. Para deter o andamento da partida, devo resistir desde o início, devo encontrar uma objeção que impeça que isso me atraia, devo resistir a essa atração.

Os Evangelhos testemunham essa resistência, esse escândalo (“Não é possível um olhar como este, não é possível que alguém me olhe assim!”). Por isso, diz Jesus no Evangelho: “Bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim”. Mas onde está o escândalo? Vocês sabem quando é que Jesus diz essa frase? Ele a diz depois que os discípulos de João Batista foram lhe perguntar: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar um outro?”, e Jesus respondeu: “Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados”. Tudo aqui é expressão da Sua paixão pela nossa humanidade. No texto, depois da lista de sinais dessa paixão, Jesus acrescenta: “E bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim”¹⁵, aquele que não opõe resistência.

¹³ Mt 9,36.

¹⁴ Cf. “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”. Op. cit., p. 37.

¹⁵ Mt 11,3-6.

De fato, por meio de todos esses sinais Jesus torna presente a Sua novidade. E a coisa mais desconcertante de todas era que aos pobres, aos “Zaqueus”, aos publicanos e aos pecadores era anunciada a boa nova: ninguém era excluído, por sua incapacidade ou por seu mal, da possibilidade de participar da novidade que Ele introduzia na história; o anúncio era dirigido a todos, e alguns sentiam uma resistência justamente a aceitar isso. Por meio desses sinais, Ele introduzia uma novidade na história: a todos era anunciada a ternura do Mistério. O mesmo nos acontece agora, a nós, tal como somos, antes de qualquer outra coisa, qualquer que seja a situação em que nos encontremos: o Mistério toma a iniciativa mais uma vez e, antes mesmo que você tenha esquentado a cadeira, lhe diz que “até os cabelos da sua cabeça estão todos contados”. Diante disso, a pessoa pode “sentir” muitas vezes: “Não é possível!”. Mas, ao lhe dizer isso, Jesus introduz a verdadeira diferença por meio da qual podemos reconhecer que uma coisa nova, única, misteriosa entrou no mundo. E é essa novidade, justamente, aquilo que nós podemos usar como alibi para nos defendermos: “Não é possível!”. O escândalo é o alibi para não termos de “sair do lugar”. Um amor tão sem medidas, tão despropositado, tão diferente, é difícil de aceitar por parte de alguém que não está disponível. Essa diferença é o sinal do divino, o sinal de que entrou na história uma coisa diferente, nova.

Nós estamos aqui para nos ajudar. Estamos aqui nestes dias para pedir juntos que o Espírito, fazendo resplandecer a beleza de Cristo diante dos nossos olhos, possa vencer essa resistência e nos faça experimentar uma intensidade do viver como a que Ele introduziu. Estamos aqui para crescer na familiaridade com Ele, para participar dessa novidade, para que não vença em nós a resistência. Juntos, podemos nos ajudar a nos deixar tocar: pelo testemunho recíproco, pela ajuda que nos damos uns aos outros quando ficamos juntos.

Como método de trabalho, queremos retomar os Exercícios da Fraternidade. Espero que já tenha começado para todos o trabalho sobre o que dissemos nos Exercícios; espero que seja assim, para que vocês não percam a possibilidade de viver a novidade no cotidiano das suas vidas: como dissemos, a insistência de Jesus sobre a religiosidade é o ponto decisivo. Se não vivemos essa religiosidade, até os relacionamentos mais significativos da vida são nada. O que nos interessa, portanto, é nos ajudarmos a entender, a entrar nessa preocupação de Jesus, que Dom Giussani nos rerepresentou de uma maneira tão fascinante e cheia de autoridade. Amanhã, o dia todo será dedicado a esse trabalho, a uma assembleia na qual possamos comunicar os testemunhos a respeito do que dissemos nos Exercícios, as perguntas que apareceram, as dificuldades da caminhada: não estamos aqui para fazer um discurso, mas

para nos acompanhar numa experiência. Todos já devemos ter ouvido frases bonitas, mas com o tempo elas nos cansam, se não se tornam nossas. Não podemos sucumbir, nos resignar ao que Saturnino dizia a respeito dos cultos antigos: “Coisas que são sempre e não acontecem nunca”¹⁶, palavras que não acontecem nunca, na vida. Seria realmente uma desgraça. Mas, para que as palavras sejam nossas, é preciso que se tornem experiência.

Acompanharmo-nos neste caminho, perguntar qual é a direção, compartilhar as dificuldades é uma forma como podemos nos ajudar para que o que dissemos se torne cada vez mais nosso. Por isso, o tema de amanhã não são os discursos, mas a experiência do que dissemos, do trabalho que fizemos. É impressionante, quando lemos o último livro dos encontros de responsáveis dos universitários, ver quantas vezes Dom Giussani “joga na cara” dos presentes que eles não fizeram o trabalho que lhes foi pedido. Espero que não tenhamos de nos arrepender por isso, espero que possamos cada vez mais meter mãos à obra. É uma coisa impressionante que ele nos diga isso há tantos anos, como esse livro testemunha, e é impressionante a semelhança com o que estamos vivendo hoje. Amanhã, portanto, nós nos daremos um tempo para caminhar juntos, de maneira a nos tornarmos realmente companheiros rumo ao destino.

¹⁶ Saturnino Salústio Segundo. *De diis et mundo*, 2, 1.

Domingo, manhã
26 de agosto de 2007

ASSEMBLÉIA

Julián Carrón. Bastaria ver o que nos aconteceu ao ouvirmos *O meu rosto*¹⁷, a primeira canção desta manhã, para nos ajudarmos a entender qual é o tipo de trabalho que nos espera no dia de hoje. Quando dizemos que devemos ir até o fundo das coisas, que devemos ampliar a razão, não nos estamos referindo a algo “intelectual”, mas, sim, a uma experiência da totalidade do real, que não se detém na aparência. “Deus, pra mim olho e eis que descubro: não tenho rosto. Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim”. A pessoa pode olhar para o próprio rosto, ver a escuridão sem fim, mas isso ainda não é tudo. Olhar até o fundo significa dar-se conta de que “Tu és” – “E só quando percebo que Tu és...” –: mesmo agora, quando vivo no escuro, há um Outro que me faz. Mas qual é a prova de que eu cheguei até o fundo e não fiquei na aparência? É que “ouço a minha voz e renasço como o tempo da lembrança”. A prova de que não fiquei num trabalho puramente intelectual, mas toquei o fundo da realidade, o Tu que é a origem de tudo, é que eu renasço. “Coração, por que tremes? Tu não estás só”, tu “és amado; fazer-te não sabes, mas és feito”. O que aconteceu em nós quando cantamos essa canção? Renascemos?

¹⁷ Mascagni, A. “*O meu rosto*”: Deus, pra mim olho e eis que descubro:/ Não tenho rosto/ Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim./ E só quando percebo que Tu és/ Como um eco eu ouço a minha voz/ E renasço como o tempo da lembrança./ Coração por que tremes?/ Tu não estás só,/ Tu não és só./ Amar não sabes e és amado/ E és amado./ Fazer-te não sabes, mas és feito/ Mas tu és feito./ Como as estrelas lá no céu,/ No Ser, Tu, me faças caminhar./ Faze-me crescer e mudar como a luz/ Que aumentas e mudas nos dias e nas noites./ Faze minha alma como a neve que se colore/ Como os ternos cimos teus, sob o sol do Teu amor.

Voltamos a ouvir a nossa voz (“como um eco eu ouço a minha voz”), não como algo puramente estético, mas como sinal de um renascimento?

A nossa dificuldade, em consequência da qual tudo se torna achadado, está numa “falta radical” – aquela da qual Dom Giussani falava há tantos anos, como se lê em *Certi di alcune grandi cose* –: “É essa carência atroz, [...] essa carência tremenda de maravilhamento diante da beleza [...]: é uma incapacidade de afeição”¹⁸. É essa falta radical de afeição que nos impede de fazer a experiência do Mistério. É por isso que sufocamos na realidade, pois “fora da consciência do todo [do Mistério], o homem se sentirá sempre prisioneiro ou entediado”¹⁹.

Este ano, quando tive a oportunidade de ir a Londres, percebi, quase pude tocar com as próprias mãos, na assembléia que fizemos lá, como sem a percepção do Mistério não dá para entender nada do que acontece, não entendemos as experiências humanas mais significativas, o que nos acontece, e por isso ficamos cada vez mais confusos. Quando ouvi uma pessoa que trabalha na City, ganha uma bolada de dinheiro e, depois de catorze horas de trabalho, volta para casa e não se sente satisfeita, uma pergunta se impôs: então, o que é a vida? Sem o Mistério, sem a percepção profunda do Mistério, nada satisfaz. Vocês viram isso nas férias também, no tempo de descanso: sem a percepção do Mistério, tudo vira tédio. Assim, ou nós nos ajudamos, sendo uma companhia uns para os outros, a perceber o Mistério, ou nós também, cedo ou tarde, inexoravelmente nos tornaremos céticos.

Nós nos demos um trabalho a fazer, que era a verificação de uma proposta. Nos Exercícios da Fraternidade, eu os desafiei: “Será que algum dia nós vamos correr o risco de verificar a proposta de Cristo?”. O tempo em que trabalhamos sobre os Exercícios era para fazer essa verificação. Agora, pretendemos nos ajudar a julgar essa verificação, comparando-a.

O tema de hoje, portanto, é a verificação de uma proposta, não o que nos vem à cabeça quando pensamos na última coisa que nos aconteceu: isso não me interessa, pois desse jeito não fazemos um caminho. Não me interessa que a pessoa tome como ponto de partida uma coisa qualquer, venha aqui e nos conte: isso não nos faz percorrer um caminho, e por isso faz que nos tornemos céticos. Nós estivemos durante meses diante de uma proposta, que é a de Dom Giussani: o que fizemos dela? Como trabalhamos sobre ela? O que apareceu? Que perguntas surgiram? Que dificuldades apareceram? Onde foi que atolamos? Onde ficamos paralisados? O que foi que não entendemos? O tema

¹⁸ Giussani, L. *Certi di alcune grande cose* (1979-1981). Op. cit., p. 220.

¹⁹ Cf. Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p. 135.

é tudo isso, sem nos poupar de nada. Temos o dia inteiro pela frente, para caminhar juntos, para nos ajudar.

Depoimento. A partir do trabalho deste ano e sobretudo a partir do trabalho sobre os Exercícios da Fraternidade estou descobrindo Cristo cada vez mais na minha vida como Aquele que me liberta. Por intermédio do Movimento e do trabalho destes Exercícios, Cristo me educou a entender por que eu existo e qual é a meta da minha existência. A insistência de Cristo, por meio deste carisma, na minha necessidade do Mistério, na minha necessidade do Infinito, me liberta de todas as imagens que são enfiadas na minha cabeça com tanta facilidade. Eu reconheço a presença d'Ele como libertadora em primeiro lugar porque me propõe uma consciência nova de mim mesmo. Sem a presença d'Ele na minha vida, sem este carisma, eu pensaria em mim mesmo como algo que eu não sou, como uma coisa menor. Ao contrário, esta maneira de entender a mim mesmo me liberta. A verdadeira escravidão, então, é ser escravo da mentira, e a presença d'Ele me liberta porque chama a minha atenção para a verdade de mim mesmo.

O segundo aspecto dessa liberdade que eu vejo crescer na minha vida está na relação com a verdade de todas as coisas. Sem Cristo na minha vida, eu seria escravo da aparência, das circunstâncias tal como elas aparecem. É libertador, neste trabalho sobre os Exercícios, acolher o convite para entrar em relação com o sentido de tudo, de forma que cada momento particular, cada presença particular se torne o convite à relação com Algo diferente, maior.

Carrón. Deixe-me ver se eu entendi bem: você sente Cristo libertador porque Ele lhe revela a verdade de você mesmo.

Depoimento. Sim. Em primeiro lugar, sim.

Carrón. Que é pensar em você da maneira adequada.

Depoimento. Exatamente.

Carrón. O que isso significa?

Depoimento. Eu poderia pensar em mim como uma capacidade de conseguir fazer coisas, até coisas morais ou justas no Movimento, em vez de reconhecer que eu sou relação com uma coisa maior do que eu.

Carrón. Vocês estão entendendo? O primeiro dom, o primeiro presente que Cristo nos traz é uma concepção verdadeira de nós mesmos,

é uma percepção verdadeira de si. Ele deu um exemplo: em vez de me conceber como alguém que deve fazer certas coisas, de forma que no final nunca estou satisfeito, começo a me conceber como uma relação. Se começamos a encarar quem somos, a perguntar: “O que é que eu sou, afinal?”, começamos a deixar entrar uma percepção diferente de nós mesmos.

Depoimento. Por exemplo, ir para a cama à noite e pensar naquilo em que tive sucesso é uma coisa totalmente diferente de ir para a cama e pensar: “Mas o meu desejo é maior”. Por isso, eu queria terminar simplesmente dizendo que me levanto de manhã e quero segui-Lo, pois do contrário vivo como escravo. As palavras que anunciam a minha libertação chegam para mim como um convite incessante: “Segue-me!”. Cristo não se cansa de buscar alguém como eu (e não apenas alguém como eu), não se cansa de me buscar todos os dias e de me dizer: “Segue-me!”. Essa é realmente a presença do divino na minha vida, pois é a presença da misericórdia. Então, quanto mais reconheço tudo isso que digo, quanto mais procuro seguir o trabalho que você nos propõe, mais vivo maravilhado, maravilhado pelo fato de que Ele quer me libertar, de que entrou na minha vida para me libertar.

Depoimento. Quero sublinhar uma frase da introdução dos Exercícios: “Cristo fica distante do coração, não das atividades, mas distante do coração, se não for uma resposta às minhas necessidades, à minha humanidade”²⁰. Essa afirmação caracterizou o trabalho que fiz nos últimos meses.

Eu me perguntei: o que é que move o coração da minha alma? A resposta é: as coisas que satisfazem a minha exigência de amar e de ser amado e a minha exigência de fecundidade. Lá em Miami eu vejo, por exemplo, toda a enxurrada de gente que o Espírito Santo arrebatou depois da morte de Dom Giussani (famílias de todas as etnias, muitos seminaristas, meu chefe, universitários e estudantes do Ensino Médio), vejo a mudança deles e vejo por trás dela a mão de Deus. Essa realidade é tão bonita que preenche o meu desejo de amar (pois eu amo a todas essas pessoas) e também o meu desejo de ser amado (porque vejo que essas pessoas me amam) e preenche também o meu desejo de fecundidade (eu sou dos *Memores Domini*, não sou casado, não tenho filhos e digo a mim mesmo: “Estas pessoas são a minha família, os meus filhos”), e fico contente.

Mas logo em seguida me pergunto: “O que é que move o coração da minha alma: o meu desejo de dar a vida a Cristo, que, em troca, recebe

²⁰ Cf. “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”. Op. cit., p. 8.

esses frutos (pois isso pode se misturar com o meu orgulho ou com o meu anseio de ter sucesso), ou o que eu mais amo é o próprio Deus?”. Eu amo um monte de coisas que Ele me faz, eu sei um monte de coisas a respeito de Deus: mas que experiência tenho de relação pessoal com Ele, de amá-Lo e de ser amado por Ele? E me pergunto também qual é a minha vocação, pois, nos Estados Unidos, por exemplo, muita gente pode entender as coisas que estou dizendo como a descrição das minhas funções de trabalho. Muitas vezes me perguntam: “Mas o que é que você pode fazer que um padre não pode?”. Os padres tem as atividades da paróquia, eu tenho o Movimento, tenho estas atividades. Minha alma poderia se contentar com o fato de não ter nenhuma atividade, de não me mexer de jeito nenhum, de apenas ir à Escola de Comunidade como todo o mundo, e ficar contente por ser de Cristo? Essa é uma pergunta realmente difícil para mim.

De repente eu vejo se abrir uma nova perspectiva de trabalho, a partir da experiência de três amigos: todos eles buscaram Cristo em mim e são Cristo para mim. O primeiro é Giorgio, pela maneira como acompanhou o Marco e a mim nos últimos meses e pela maneira como respondeu a todos nós numa assembléia que fizemos em Nova York no final de junho: era alguém que estava vendo Cristo nas pessoas que falavam, dava para perceber isso pela maneira como nos tratava. A segunda pessoa é Maurizio, junto com as pessoas da casa do Grupo Adulto de Nova York. Um deles veio me ver em Miami; ele tinha apenas três horas e não quis ver mais nada, nenhuma das coisas que existem ali, nenhuma outra pessoa, só a mim. Ele me disse: “Vim por você”. E o terceiro é você, Julián, quando o vi este ano, particularmente em Tijuana, e você me perguntou: “Quem é você?”. Eu lhe contei todos os meus “pecados” e você me olhou com uma ternura infinita.

Carrón. Espere um instante. Afinal, quando você faz todas essas coisas e se pergunta se isso preenche o seu desejo, o que é que você responde?

Depoimento. Aparentemente, sim.

Carrón. Não pode ser “aparentemente, sim” ou “aparentemente, não”: ou preenche o seu desejo ou não preenche!

Depoimento. Não!

Carrón. Vocês estão entendendo? Não podemos brincar com as palavras: ou preenche o seu desejo ou não preenche, pois do contrário introduzimos o dualismo já desde o início. Se você, com toda essa ati-

vidade que tem, com tudo o que acontece, com todos esses frutos fantásticos, muito bonitos, já estivesse satisfeito, por que precisaria buscar outra coisa?

Depoimento. É que não estou satisfeito.

Carrón. Então a questão é: de que forma, de dentro da experiência do que você faz, de dentro de todos esses frutos que você vê, você é impelido a buscar mais? Essa é a dinâmica, se a pessoa não a reprime. E essa pergunta, esse desejo não é preenchido pelo responsável da sua comunidade, nem por mim: nós lhe abrimos novamente ao Único em quem você pode encontrar a resposta. Essa é a verificação que você tem de fazer, do contrário continua a se relacionar com tudo o que faz eliminando esse “mais”; mas eliminar esse “mais” é eliminar o eu, que é desejo do Infinito.

É muito importante que nós nos mantenhamos na experiência sem nos afastar dela nem por um segundo. De fato, mal nos afastamos dela e já começamos um discurso que se cola artificialmente à vida, e aí não se entende mais nada. O que Dom Giussani nos ensinou é um olhar que vai da experiência para o Tu, para o fundo último de tudo, da realidade, e por isso é por meio do que você faz que se dá conta de que lhe falta alguma coisa, é assim que desperta outra vez em você o desejo de Algo Outro. É isso que entendo quando digo que falta a idéia do Mistério. Não é porque depois eu faço alguma coisa “religiosa”, rezo as laudes, por exemplo, que entra o Mistério! Se eu não sinto a urgência de Algo Outro, se não me falta alguma coisa, eu, no fundo, quando falo do Mistério, falo dele como se falasse de uma caneta ou de uma garrafa, como algo estranho, como uma coisa entre as outras, não como aquilo de que eu mais profundamente experimento a necessidade ao viver tudo, qualquer circunstância.

Essa é a verificação que nós devemos fazer; do contrário, de um lado fica a vida como todo o mundo a vive (todo o mundo fica contente quando as coisas vão bem e fica arrasado quando vão mal) e, do outro lado, fica o discurso religioso; e quem crê, como você, crê; quem não crê, paciência, continua no nada. Mas qual é a diferença? Vocês dois são dualistas. A questão é se, dentro daquilo que eu vivo, dentro das minhas entranhas, eu sinto a urgência de Algo Outro. Essa é a questão.

Depoimento. Eu gostaria de propor algumas reflexões que nasceram no trabalho sobre os Exercícios. Em primeiro lugar, saber que a conversão está no desejo significou para mim uma mudança do objeto e da intensidade do meu pedido. Eu sempre senti uma exigência forte, quase

uma obsessão, de que a minha vida não fosse inútil (como Dom Giussani diz numa carta a Angelo Majo²¹), que ela fosse bela e construtiva, e por muito tempo identifiquei essa utilidade com um crescimento pessoal, com um sucesso meu, em última instância, mesmo participando do Movimento e fazendo todos os seus gestos. O resultado era uma posição estéril, paralisada, sempre parada à soleira, sem a coragem de ultrapassar de verdade, parada num desejo orgulhoso e teimoso que não encontrava nem expressão nem resposta.

Carrón. Vocês estão vendo? Na experiência, a pessoa se dá conta de que quando faz um certo tipo de movimento acontece determinado resultado. Ela não precisa fazer sei lá qual abstração. Não; na experiência que faz, ela vê isso.

Depoimento. Depois de alguns fatos e do estímulo constante de algumas pessoas que me querem bem, de repente comecei a pedir para crescer – os Exercícios me deram uma consciência mais clara disso –, mas crescer aos olhos de Cristo, não do mundo, cedendo à atração d’Ele. Comecei a entender que para ganhar a própria vida é preciso perdê-la, ou seja, arriscá-la toda por Aquele que está entre nós. Assim, comecei a me surpreender com cada palavra que nos é proposta pela educação do Movimento, em primeiro lugar pela Escola de Comunidade. É como se tivesse reencontrado o Movimento. Esta minha sede se tornou um pedido explícito aos amigos e a algumas pessoas que são uma autoridade para a minha vida, e também um pedido a estes dias, pelos quais tenho uma grande gratidão e uma enorme expectativa. O fato de pertencer deixou de estar ligado aos conceitos, aos discursos, e passou a ser criativo, ou seja, gerador de mudança, como diz Dom Giussani no último livro²². É como se no próprio ato de estender a mão como mendicante a pobreza se tornasse riqueza e certeza, a ponto de surgir um entusiasmo que permite tomar a iniciativa, “agarrar a problemática” da vida “pelo colarinho”²³. Esse compromisso com a realidade e com os problemas que nascem dela intensificam o meu pedido e o tornam mais necessário que respirar; eu já não saberia viver sem ele e não quero viver sem ele.

Carrón. Quanto mais a pessoa faz a experiência que ele descreveu, mais vê crescer o seu pedido. A prova é a intensidade do nosso pedido.

²¹ Cf. Giussani, L. *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*. Milão, Edizioni San Paolo, 1997, p. 26.

²² Cf. Giussani, L. *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*. Op. cit., p. 394.

²³ Id., *ibid.*, p. 395.

A percepção do Mistério se exprime nesse pedido, que se torna mais decisivo que respirar. Eu vejo que começo a viver a realidade segundo todo o seu alcance porque esse pedido renasce. Isso, disse ele, “me faz reencontrar o Movimento”, me faz reconhecer o alcance que o Movimento tem para a minha vida, me faz entender qual é a diferença entre a concepção do mundo e a de Cristo. O que é que corresponde mais, o que é que me expressa mais: aquilo que todos dizem ou essa percepção de nós mesmos que coincide com o que Cristo nos diz?

Depoimento. Depois dos Exercícios, quando trabalhava sobre o texto, não consegui parar de voltar a um ponto da assembléia em que se fazia esta pergunta: “Existem momentos nos quais não vejo nada de bonito, nem na comunidade, nem na realidade. Eu me pergunto se Cristo nesses momentos está ausente ou se sou eu que não consigo ver essa beleza”²⁴. Essa pergunta, no fundo, é a que me volta sempre, de uma forma ou de outra. “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é.” Mas onde é que eu O vejo? Onde é que Ele está? Eu faço experiência d’Ele? Num dado momento você dizia: “É você que deve me explicar essa excepcionalidade, pois o que me vem à mente vendo essa excepcionalidade é a pergunta: ‘Mas quem é este?!’”, e acrescentava: “Quantas vezes, estando juntos, nos vem a pergunta: ‘Mas quem é este?’; diante de uma forma sensível? E o consideramos óbvio. Para nós a Escola de Comunidade é uma aula”. Depois você dizia (este é o ponto que eu gostaria de entender mais): “A diferença é que cada vez mais a pergunta me vem do real, daquilo que eu vivo”²⁵.

O que eu busco, o que todos buscamos é o olhar de Cristo. Mas isso é a coisa que mais podemos dar por óbvia. Neste período, fui obrigado a me fazer a pergunta: “Mas onde é que eu vejo essa excepcionalidade?”. Fui obrigado a me perguntar, quando vou à Escola de Comunidade: “O que foi que eu vi hoje?”. Para mim, foi a oportunidade para redescobrir o olhar de Cristo.

Carrón. Onde?

Depoimento. Na vida, na realidade. Ao me fazer essas perguntas, o fato de as pessoas ao meu redor mudarem, por exemplo, já não foi uma coisa óbvia. Eu vi uma realidade humana mudada que me obrigou a dizer: “Esta é a presença de Cristo”, ou seja, Cristo está vindo ao meu encontro por meio desse olhar, por meio desse ponto real. Neste tempo, eu percebi que o fato de não dar tudo por óbvio, o fato de começar

²⁴ “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”. Op. cit., p. 53.

²⁵ Id., *ibid.*, p. 54.

a me perguntar: “Onde é que eu vejo essa excepcionalidade hoje?”, me ajudou a descobrir outra vez, a fazer mais a experiência desse olhar, a ficar mais alegre, mais contente.

Carrón. Esta é uma pergunta que volta sempre: “Existem momentos em que a pessoa não vê nada de bonito: onde é que está Cristo, então?”. Retomemos o que dizíamos a partir da canção *O meu rosto*. Às vezes, quando a pessoa começa a olhar para si mesma, vê apenas a escuridão sem fim, vê apenas o nada, vê um aspecto da realidade que é tudo, menos bonito. A questão é se nós nos detemos aí ou não. Eu pergunto se essa escuridão sem fim é tudo, ou se, ao mesmo tempo em que percebo essa escuridão, eu existo, o meu eu existe; e isso não é igual a nada. Eu existo. Por isso, mesmo com essa escuridão sem fim, neste momento, “eu sou feito”. Não há escuridão sem fim que me possa impedir de reconhecer esse “sou feito” (“Fazer-te não sabes, mas és feito”²⁶). Qualquer situação – seja ela boa ou ruim – é também “feita”; qualquer situação é parte da realidade e por isso grita a existência de um Outro.

No entanto, o que acontece – como ele dizia – é que para nós tudo é óbvio. Que significa que tudo é óbvio? Significa que nós não percebemos que o próprio fato de me dar conta de que o meu eu é uma escuridão sem fim é testemunho de um eu que existe neste momento: e eu, neste momento, não me faço por mim mesmo. Não estamos acostumados a nos dar conta disso e o consideramos óbvio, ou seja, ainda somos iguais à criança que dá por óbvio o presente que recebe. Ela ganha um belíssimo presente, fica entusiasmada com ele e se esquece de que alguém lhe deu esse presente. Para ela, isso é óbvio. Mas a mãe a segura: “Como é que se diz?”; em outras palavras, a mãe a introduz na realidade, obriga-a a se dar conta de que não é de modo algum óbvio que alguém lhe dê um presente.

Quando a pessoa começa a ver dessa forma o que tem à sua frente, começa a perceber muitíssimos sinais: começa a não dar por óbvio que estejamos aqui juntos, ou que a outra pessoa mude, ou que existam aqueles quatro gatos pingados que se encontram com ela no lugar tal para rezar as laudes (podem até ser quatro gatos pingados, todos maltrapilhos – não é preciso censurar nenhum dos limites que temos –, mas não é óbvio que eles existam; todos maltrapilhos como são, foram agarrados e fascinados por um Outro). Então, não ao lado da realidade, não nos nossos pensamentos, mas na realidade, bem ali, começamos a vislumbrar, a nos dar conta da presença d’Ele, porque não damos tudo por óbvio.

Mas essa é uma educação a olhar, a usar a razão de acordo com a sua natureza: consciência da realidade segundo todos os seus fatores.

²⁶ Mascagni, A. “*O meu rosto*”. Op. cit., nota 17.

É preciso ampliar a razão para não dar tudo por óbvio, do contrário somos irracionais, ou seja, não damos as razões do que existe. Sendo que nos parece óbvio, não precisamos usar a razão. Qual é a questão, então? Que a realidade desperte em nós outra vez uma pergunta que urge por uma resposta. Se eu não deixo que a realidade desperte outra vez em mim essa pergunta, fico diante do que acontece sem buscar uma resposta, não vou além da aparência. Mas, quando estou na escuridão sem fim, a ponto de não me suportar mais, é aí, bem aí, não ao lado, não depois, não antes, que sou obrigado a ir até o fundo, a reconhecer um Outro. Ou nos educamos constantemente a isso – e então qualquer situação da realidade é, como dizia o primeiro depoimento, um convite a reconhecê-Lo, a reconhecer o Mistério presente –, ou estamos condenados a sufocar.

Depoimento. Você nos lembrava ontem à noite que “os cabelos da nossa cabeça estão todos contados”. Partindo disso, decidi contar dois pequenos episódios que aconteceram no ano passado.

O primeiro está relacionado com o meu trabalho como professor. No semestre passado, uma freira africana se inscreveu para prestar o exame final da minha disciplina. Eu estava convencido de que ela não estava preparada, apesar de ter assistido às minhas aulas, um pouco pela questão da língua, um pouco por sua bagagem cultural, mas eu não gostaria de ter de reprová-la, pois sabia que sua ordem a havia enviado à Itália para uma formação profissional que ela depois utilizaria em seu país. Por outro lado, promovê-la sem mérito seria contrário à minha ética profissional.

Carrón. Reprovar é a primeira obra de misericórdia – reprovar quem não sabe –, dizia um professor meu.

Depoimento. Desabafei com um colega de trabalho que é do meu grupo da Fraternidade, e ele me sugeriu que eu não tivesse escrúpulos em reprová-la – justamente –, se esse fosse o caso. Esse conselho não me convenceu, não respondeu à minha questão ética, minha perplexidade continuou, mas o que esse meu amigo me disse fez que durante o exame eu olhasse para a freira de uma maneira diferente da maneira fria normal com que trato os alunos durante os exames (um caderno de questões ao qual devo dar uma nota). Olhá-la como uma pessoa e não apenas como uma cliente-estudante me tornou mais atento à maneira de fazer as perguntas, não me limitando à simples avaliação das respostas, e dali compreendi que essa atenção não significa ser menos severo, mas torna o relacionamento com o aluno mais adequado.

O segundo episódio é mais recente e também trágico. No final de julho morreu num acidente de carro um jovem com quem eu tinha relações de trabalho. Depois de poucos dias, a viúva, que eu mal conhecia, me telefonou. Como havia encontrado meu número na agenda do marido, ela queria me agradecer porque poucas semanas antes do acidente eu havia passado um dia com seu marido por conta de algumas visitas técnicas e ele tinha voltado para casa muito feliz, contando que eu havia prometido me interessar pela publicação de certas poesias suas. Ela me agradecia por ter feito seu marido passar um dos dias mais bonitos de sua vida antes de morrer. Fiquei sem palavras. Na realidade, tínhamos falado de pomares o dia inteiro (minha especialidade são plantas frutíferas), e só nos últimos cinco minutos ele me havia confessado esse seu segredo da poesia. Não sei por que me confidenciou isso, mas creio que entendi pelas palavras da viúva que ele se sentia olhado como uma pessoa em sua totalidade e não apenas como um bom técnico. Eu me dei conta de que esse olhar para o mistério do eu não é uma capacidade minha, mas que pode ser aprendida.

Chego à pergunta. Relacionar-se com o outro olhando para o Mistério que existe nele, indo além do papel que ele exerce ou da máscara social, é vertiginoso e nos faz ficar nus, desarmados, sem defesas psicológicas. Como é que isso pode se tornar uma postura normal sem que prevaleça a defesa ou o medo de perdermos nossas posições? É possível viver sem máscara? A pergunta é ingênua, mas não é formal.

Carrón. O que é que você diz?

Depoimento. Bem, o meu problema é o “como”, ou seja, como permanecer sempre nessa atitude de abertura perante o outro.

Carrón. Entre nós, conteúdo e método coincidem: não existe o “como” separado do conteúdo. O fato é que nós só podemos estar diante do mistério do outro se nós mesmos vivemos essa intensidade de percepção do Mistério. Do contrário, nós reduzimos o nosso eu e reduzimos o mistério do outro. Por isso, a questão é: o que desperta sempre de novo em nós essa percepção do Mistério, o que nos torna conscientes do nosso mistério, o que nos faz sair da nossa obviedade para nos fazer perceber isso? É a realidade, como sempre dissemos; e a realidade mais real de todas as realidades é a presença de Cristo aqui, agora. Na medida em que temos essa percepção de nós mesmos como mistério, podemos – como às vezes eu digo – “tirar os sapatos” diante do mistério do outro. Do contrário, entramos como um elefante numa loja de cristais, reduzindo o outro a um mecanismo em que nós

podemos irromper como quisermos. Mas isso seria apenas violência, e sobretudo seria inútil, pois o outro, se quiser, nos deixa na soleira – graças a Deus –, exercendo a liberdade, que é a arma contra qualquer pretensão do poder.

Depoimento. Eu gostaria de entender, em termos de experiência, o que você disse sobre a “piedade” como início de tudo. De fato, se eu olho para a minha experiência neste longo período, eu diria que é mais uma luta, uma luta contra o mal, levantar de manhã e ter de lutar, como dizia São Paulo. Muitas vezes, no ambiente em que eu vivo, tenho uma relação diária com a inveja, com o poder, com o ciúme. Isso não significa que não vejo Cristo presente: Ele está lá, eu posso dizer que o reconheço aqui, ali, acolá. Posso dizer: “É o Senhor!”. Vou dar dois exemplos. Quando você nos visitou no ano passado, falou do novo início. Depois do encontro que fizemos com os responsáveis do Brasil em fevereiro e março deste ano, esse novo início foi visto em muitas pequenas comunidades espalhadas pelo Brasil: tem nascido uma vivacidade e eu vejo muitas coisas bonitas que estão acontecendo. Em segundo lugar, este ano começamos a Companhia das Obras com um grupo de professores universitários, e duas semanas atrás fizemos um pequeno Meeting. O que me comoveu e me encheu de gratidão foi ver o que acontecia: as grandes personalidades que aceitaram participar das mesas-redondas e, sobretudo, a quantidade de pessoas que estavam presentes (mais de seiscentas). É a primeira vez que fazemos um encontro como esse, guiado por um grupo de professores universitários, e a amizade com eles é uma outra novidade. Eu poderia falar ainda da minha vida pessoal, da vocação, etc. Eu vejo então muitas coisas que o Senhor está fazendo, mas gostaria de entender mais essa afirmação sobre a piedade. Na minha vida, é como se o Senhor me dissesse: “Você tem de lutar. Se você não fizer nada, nada acontece. Você tem de fazer, tem de se mexer, tem de lutar contra essa inveja, esse ciúme, esse poder, essa não-vida”. Dá para entender?

Carrón. Claro! É tudo verdade o que você disse, a vida é uma luta. Mas por que tanta gente, depois, se cansa dessa luta? Por que, a certa altura, a pessoa deixa de lutar diante das dificuldades? A questão é como permanecer numa posição de luta, e isso não vem da própria luta, mas de “algo que vem antes”: isso se chama “piedade”, como eu disse ontem. De onde nasce em você essa paixão, o fato de você estar numa atitude de luta? De onde lhe vem isso, quem faz você agir assim, qual é a fonte?

Depoimento. O desejo de verdade.

Carrón. E o desejo de verdade, quem o desperta sempre de novo em você? Vocês vêem como nós consideramos isso óbvio? O que me interessa é que todos nós nos ajudemos a fazer o percurso de dentro da experiência: nós chegamos a um ponto em que damos por óbvia a origem. Mas, se você não fosse constantemente olhada com essa piedade, se você não deixasse entrar essa piedade de Cristo por você, que fim teria a sua luta? De onde nasce o seu ímpeto? É por isso que tanta gente começa e depois se cansa, e diz: “Agora vou pensar em mim”.

Quando falamos da caridade, por exemplo, pensamos logo naquilo que devemos fazer, na nossa luta, mas damos sempre por óbvia a primeira parte: a ação que torna isso possível, que é a ação do Mistério.

No ano passado, participei de uma assembléia com os jovens do primeiro ano do noviciado do Grupo Adulto. O tema era a caridade, a palestra de Dom Giussani sobre a caridade²⁷. Cheguei à assembléia e disse: “Então, comecemos!”. Todos com as mãos levantadas. “Não”, eu disse, “a primeira pergunta quem faz sou eu. Qual foi a frase que mais os impressionou?”. Um deles respondeu: “Esta”. Eu perguntei: “Quantos de vocês ficaram impressionados com essa frase?”. Alguns levantaram a mão. Depois um outro sublinhou outra frase e eu, outra vez: “Quantos outros ficaram impressionados?”, e assim por diante. Ora, a maioria tinha perdido o ponto central. De fato, todos tinham a tentação de escorregar para a luta, para aquilo que nós devemos fazer, para a nossa atitude de caridade com os outros. Mas a primeira caridade é o dom de si comovido do Mistério. Esse é o “antes” de que falávamos ontem. A primeira coisa é esse “antes”. Por isso eu citava São Paulo, São João, Santo Agostinho, o Papa, etc., porque esse “antes” é o “antes” de todas as coisas, é o “antes” pelo qual você está aqui agora, é o “antes” do Mistério que lhe dá a vida, que faz você ser agora.

Se eu não tivesse esse “antes”, essa piedade do Mistério comigo, não me suportaria. Essa é a primeira ação. O Ângelus, como método do Mistério (“O anjo do Senhor anunciou a Maria”), é esse “antes”, essa piedade. Todo o resto é consequência. Sem isso, não há fonte que sustente a luta: quando você se enche, quando é machucada pelas coisas, o que é que a põe de volta no seu eixo? Se não encontrasse um olhar cheio de piedade por você, que a põe de volta no seu eixo, que cicatriza todas as feridas dessa luta, para que você possa continuar a lutar, você mandaria todo o mundo para aquele lugar: “Vão caçar sapo!”, ou seja, nada mais lhe interessaria, você se esqueceria de tudo.

Como é possível, então, que nós nos tornemos realmente protagonistas, obstinados nesta luta, sem descanso? Isso só é possível se nós

²⁷ Cf. Giussani L. *É possível viver assim?* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, pp. 267-291.

em primeiro lugar fomos amados! “Amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada”²⁸: essa é a frase que eu procurava nas respostas dos jovens do primeiro ano, enquanto todos a davam como algo óbvio. Mas essa é a coisa mais comumente que pode existir. Nossa Senhora tem esta consciência: de que o Mistério teve piedade do seu nada. “O Senhor olhou para o nada de sua serva”²⁹. Essa é a piedade, e está sempre “antes” de qualquer outra coisa, por isso é a fonte de qualquer coisa, do seu eu e da sua luta. Se não entendemos isso, cedo ou tarde nos cansamos.

Cesana. Ouvindo os depoimentos e essas suas observações finais, quero fazer uma pergunta. Às vezes é como se a afirmação do eu, a afirmação de si, em vez de ser uma libertação, fosse uma prisão de desejos não realizados, até cristãos, de incapacidade de relacionamentos, etc. Por que, pergunto, o eu, a afirmação do eu, em vez de ser uma libertação, se torna uma prisão?

Carrón. A afirmação do eu se torna uma prisão quando não corresponde à verdadeira natureza do eu. E qual é a natureza do eu? O que é que me define? Aquilo que eu sou capaz de realizar (e por isso nunca consigo ficar satisfeito) ou a relação com o Mistério? Só porque a natureza do eu é relação com o Mistério é que nós podemos ser livres. Se muitas vezes ficamos atolados, se a vida se transforma numa prisão, é porque nesse ponto a nossa mentalidade é igual à de todo o mundo: para nós, a natureza do eu não é a relação com o Mistério. Por isso, hoje de manhã, fiquei impressionado de novo ao reler esta passagem: “Fora da consciência do todo [ou seja, do Mistério], o homem se sentirá sempre prisioneiro ou entediado”. Somos prisioneiros ou entediados quando falta a consciência do todo, do Mistério. Por isso, os últimos Exercícios me parecem absolutamente decisivos: o que está em questão é uma mentalidade, uma concepção de si. Tudo o que acontece na vida, o fato de me sentir atolado, prisioneiro ou entediado, é o reflexo em mim do fato de que eu sou feito para a relação com o Infinito. Eu me sinto prisioneiro ou entediado porque não sou feito para menos do que o Infinito (é como o sapato que não corresponde ao meu número). Se nós não damos um passo à frente na concepção do nosso eu, na forma como nos olhamos, no final somos como todo o mundo, temos a mesma mentalidade. Podemos acrescentar depois alguma coisa devota, podemos participar de reuniões, fazer tudo o que quisermos, mas, enquanto mentalidade, somos iguais a todo o mundo.

²⁸ Cf. Jr 31,3.

²⁹ Cf. Lc 1,48.

Sendo que o eu é relação com o Mistério, se isso não se torna familiar, nós somos prisioneiros. Toda a insistência de Dom Giussani no capítulo VIII de *Na origem da pretensão cristã*³⁰, retomado nos Exercícios, ou seja, toda a insistência e a obstinação de Jesus em chamar a atenção para a religiosidade são para nos fazer sair dessa prisão. Para nós, a religiosidade parece uma coisa “piedosa”, para gente iniciada no assunto, para pessoas “religiosas”, não a natureza do nosso eu, e assim nos vemos sufocando dentro da realidade. A meditação de sábado de manhã dos Exercícios é sobre este ponto: ou entendemos por que Cristo veio ao mundo para nos introduzir à religiosidade, ou seja, por que insiste constantemente no fato de que sem essa religiosidade não existe o humano, de que a religiosidade é a condição do humano, ou ficamos atolados, prisioneiros. Esse é o grande desafio, aqui se concentra a luta que acontece hoje no mundo, toda a grande discussão cultural. Ou nós fazemos experiência disso, ou somos como todo o mundo, prisioneiros. Depois podemos colar por cima da experiência que todo o mundo faz a quantidade de discursos que quisermos, mas não trazemos em nós uma novidade.

O que foi que Jesus fez? Ele entrou na história para despertar uma vez mais essa maneira de ver o homem. E como é que a desperta? Fazendo-a acontecer. Portanto, nós somos amigos se, quando estamos juntos, acontece em nós o escancaramento da pergunta, o nosso respiro se abre de par em par, pois entra o Infinito. A questão está aqui; se não é clara para nós, devemos nos dar todo o tempo de que precisamos para que venha a ser, não temos pressa, pois todas as outras coisas que não entendemos, todas as outras coisas que nos fazem sofrer, que tornam a nossa vida pesada, derivam do fato de que isso não está claro, não está resolvido. Dom Giussani afirma que sem consciência do Mistério todas as experiências humanas mais significativas são nada, são insignificantes, esvaziadas (a relação entre marido e mulher, o trabalho, etc.). É por isso que sufocamos. Devemos nos conceder todo o espaço de que precisamos para nos ajudar nisso, para documentá-lo de muitas formas. Mas, cuidado, o que estamos dizendo não pode ser esclarecido somente por meio de assembleias: é preciso que alguém tenha a coragem de verificá-lo na vida, pois tudo isso só se esclarece na experiência (“a realidade se torna transparente na experiência”).

Cesana. Portanto, voltando ao que você disse ontem à noite sobre a “piedade”, o problema não é apenas a consciência com que olhamos para o Mistério, mas também a consciência de como nós somos olhados pelo Mistério.

³⁰ Cf. Giussani, L. “A concepção que Jesus tem da vida”. In: *Na origem da pretensão cristã*. Op. cit., pp. 115-142.

Carrón. É evidente. Ontem, para falar desse “antes”, ou seja, de como o Mistério nos olha, comecei citando a frase do Evangelho: “Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”. O que Jesus veio trazer? Esse “antes”. Não porque esse “antes” já não existisse (tínhamos sido criados: esse “antes”, portanto, já existia), mas porque nós não tínhamos consciência disso. Como diz Santo Tomás, até poderíamos ter chegado a essa consciência, mas somente poucos de nós, depois de muitos erros e em meio a muitas confusões³¹. É Cristo quem, fazendo-se carne, nos facilita esse reconhecimento. Quando faço uma assembléia com as pessoas do primeiro ano dos *Memoires Domini* e falamos da caridade, o que me interessa é que eles tenham entendido esse “antes”; da mesma forma, agora, o que me interessa é que entendamos esse “antes”. Do contrário, nós o damos por óbvio, como quando rezamos o *Ángelus* de manhã. Não nos comovemos. Quem foi que se comoveu ao rezar o *Ángelus* hoje de manhã? Para nós, é óbvio. Mas não é óbvio, porque você poderia não estar aqui ou estar distraído hoje de manhã e não ter prestado atenção em nada. Não é óbvio, não é óbvio de jeito nenhum! A pessoa se dá conta disso quando começa a se comover: ninguém disse que eu tenho de rezar isso hoje pelo fato de que rezei ontem; ninguém disse que eu vou me dar conta hoje pelo fato de que me dei conta ontem. É um acontecimento. Eu me dou conta de que acontece porque alguma coisa em mim muda: “Quando percebo que tu és, [...] renasço”³². Ou seja, eu entendo que deixei esse “antes” entrar porque Ele faz renascer o meu eu, faz acontecer o meu eu, desperta em mim outra vez o desejo d’Ele, desperta outra vez em mim o pedido. É isso que impede a redução do meu eu à obriedade. Mas essa é a luta que Cristo introduziu.

Depoimento. Para mim, o primeiro lugar da verificação nestes últimos meses foi o meu trabalho. Nas caras dos meus alunos, nas perguntas deles, eu fiz a experiência de Alguém que me chama, que me faz voltar a ser verdadeiro. A relação com esse Alguém é o que mais me interessa, pois me liberta diante dos jovens e no meu trabalho, me faz aproveitar tudo muito mais.

Mas, se eu sou leal, sou obrigado a admitir que foi vital um lugar de educação, que este ano nasceu para mim sobretudo a partir da relação com o Franco. Desde que comecei a dar aulas, no fim de cada dia eu dava uma passada pela sala dele: “Veja, me aconteceu isto: o que significa?” ou: “Eu faria isto, e você, o que faria?”, e procurávamos julgar as coisas juntos. Este ano, quando outros amigos meus também vieram

³¹ Cf. Santo Tomás de Aquino. *Summa Theologiae*, I, q. 1, art. 1.

³² Mascagni, A. “*O meu rosto*”. Op. cit., nota 17.

dar aulas na nossa escola, começamos a viver esse diálogo com eles também. Quando nós contávamos essas coisas, os nossos colegas viam como nós ficávamos contentes. Assim, passamos a ser dez, depois vinte, e hoje somos quarenta.

Esse lugar me permite entrar na sala de aula numa posição mais humana, mais verdadeira, mais aberta, medir-me com a realidade que me chama. Um dia, lá estava eu ao telefone com o pai de uma aluna minha. Chorando, ele me disse: “Professor, me ajude com a minha filha; nós já estamos ficando desesperados”. E eu, que tenho vinte e seis anos, pude dizer a ele, me pondo inteiro nisso: “Escute, eu não tenho a solução, mas também quero que sua filha cresça. Se você quiser, podemos nos unir. Hoje à noite vou à casa de vocês”. E começou uma amizade com eles e com a filha que comoveu tanto a eles quanto a mim. Nesse lugar, o que está em questão é a minha vida, a totalidade do meu eu diante da realidade, a ponto de eu começar a me dar conta do que me acontece, de muitos pormenores, até me comover com a beleza do que eu ensino ou com a presença inexplicável dos meus alunos, que me interroga como um mistério. Conversando com os outros professores de história, por exemplo, nós vimos que, para entender a Idade Média, tínhamos de nos identificar com ela. Assim, fizemos uma encenação histórica da Batalha de Hastings, com a participação de duzentos e cinquenta alunos; eles reproduziram todas as fases do conflito, de uma maneira tão completa, que por pouco os pais não desmaiaram. O que me impressionou em particular foi o entusiasmo e a unidade que nasceram entre nós, professores de história, e que os alunos perceberam, o que os deixou maravilhados.

No método que vivemos este ano, eu vejo a possibilidade de que a beleza que aconteceu continue presente: o método é um lugar de auto-ridade reconhecida que nos ajuda a nos identificar com a origem dessa beleza. Eu gostaria de lhe pedir que me ajudasse a delinear esse método com maior clareza.

Carrón. O método com o qual eu posso ajudá-lo é que você comece a reconhecer o que lhe está acontecendo. Realmente, eu não tenho outro método, a não ser obedecer ao que acontece, não tenho nenhuma página secreta escondida, nenhuma linha direta com o Espírito Santo, tenho o que todos vocês têm: a realidade, a experiência, aquilo que acontece; uma lealdade obstinada com aquilo que acontece. Assim, você se deu conta de que, quanto mais adere e responde à realidade que o chama, mais sente a urgência de um lugar que o introduza constantemente nessa realidade. Como acontece com a criança. Do que é que ela precisa para crescer? Da vida, que lhe desperta todos os problemas, e da mãe ao seu lado, que a introduz na vida. É simples.

Nós temos um eu que entra em relação com a realidade. Do que é que precisamos? De um lugar (de um pai, de uma mãe) que nos introduza na realidade. Só isso. Quanto mais a pessoa entra na realidade e esta se torna interessante para ela, mais desperta as perguntas para um diálogo franco com os outros. Assim, a relação entre nós se torna mais interessante, deixa de ser formal: não são as “reuniões”, é a participação da aventura de viver. É isso que me interessa. Se o que interessa para outras pessoas é a organização, elas que vão em frente, mas o que me interessa é isso; e qualquer organização, ou existe a serviço disso, para nos ajudar nisso, ou não nos interessa (no livro *Certi di alcune grandi cose* nós podemos ver a luta obstinada de Dom Giussani nesse sentido). Quanto mais a pessoa faz a verificação disso, mais se tornam evidentes as razões desta experiência, e mais ela percebe a conveniência humana de tudo isso. É a verificação da fé, a verificação de Cristo, não como abstração, mas como intensidade do viver: isso se chama cêntuplo. Está ao alcance de todos. É preciso apenas querer participar desta aventura.

Depoimento. Eu gostaria de falar um pouco deste ano, em que assisti a verdadeiras revoluções: comecei a trabalhar, decidi me casar e agora aqui estou eu, cheio de uma gratidão imensa. Depois de um ano, eu percebo mais do que antes de que sou completamente necessitado. Não houve dia, no meu trabalho e no relacionamento com a minha noiva, em que não tenha tido de pedir tudo a Alguém. E quando deixei uma fresta de abertura a um Outro que me chamava dentro das circunstâncias, a novidade desabrochou. Vou dar alguns exemplos.

Nós, alguns amigos da Universidade Católica de Milão, criamos a Associação Cem Cantos, dedicada ao estudo de Dante Alighieri; há dois anos, temos tido a possibilidade de visitar as escolas do Ensino Médio para fazer apresentações. Toda vez que me encontrava com os alunos, ao sair das salas de aula, eu sentia uma ferida: “Afiml, o que é que eu trago comigo? Quem sou eu, para me pôr diante desses jovens?” (essa foi também a razão pela qual comecei a lecionar, porque queria que essa ferida se reabrisse todos os dias, que não fosse apenas de vez em quando). Depois de dois anos, apesar de a origem dessa coisa ser absolutamente gratuita, nasceu em nós a idéia de que isso pudesse se transformar num trabalho, e dessa forma parecia que também éramos fiéis à realidade. Assim, ao concluir a universidade, apareceu o problema: e agora, o que faremos? Fomos falar disso com o padre Pino, dizendo a ele: “Estes aqui são os dados da realidade; no ano que vem, eu vou fazer isto e isto”. Mas ele virou a questão de ponta-cabeça: “Afiml de contas, o que é que você quer? O problema não é a Cem Cantos, é a sua vida: o que é que você quer fazer da sua vida?”. Ao sair dali, decidi começar a lecionar. Digo em poucas palavras como foi que tudo flo-

resceu. Primeiro, formou-se um grupinho de sessenta universitários e estudantes do Ensino Médio, que vinham no sábado de manhã de todas as partes da Itália para falar sobre Dante. Depois, neste último mês, tivemos a possibilidade de ir a alguns momentos de férias organizados pelos colegiais para ler Dante. O que mais me desconcertou foi ver que os rostos dos garotos mudavam; e eu mudava olhando para eles, via essa verdade reacontecer neles. Com os professores, acontecia a mesma coisa. E logo a pergunta chegava a este ponto: “Quem vocês são, afinal? O que é que os faz serem assim?”. Em tudo isso – casamento, trabalho, etc. –, eu me dou conta de que a iniciativa é de um Outro. Eu não fiz nada, a não ser obedecer.

O que eu lhe peço – na realidade, você já me respondeu até agora – é que me ajude a ler esses acontecimentos.

Carrón. Não, você é quem deve fazer essa leitura, pois você tem o coração e aquilo que você viveu. Você não pode ir se sentar agora sem dar o juízo.

Não pense que eu vá fazer o trabalho no seu lugar. O que é que aparece com clareza na experiência que você descreveu? Nós não podemos contar tudo e não dar um juízo, pois, desse jeito, não muda nada, não aprendemos nada. A partir de tudo o que aconteceu, o que é que você aprende? É você quem deve fazer esse trabalho!

Depoimento. Vou tentar dizer apenas uma coisa. Para mim, ficou evidente que eu não tinha entendido muito de Cristo antes deste ano, pois era algo óbvio e sobretudo diferente das coisas que eu fazia. Este ano, o que senti queimar na pele foi o fato de que essas coisas, esses acontecimentos, o rosto dessas pessoas são Cristo.

Carrón. O que isso significa? Não sejamos genéricos.

Depoimento. O critério diferente que eu via em algumas pessoas.

Carrón. O critério diferente. Pois bem, isso é fundamental. Pode ser que a pessoa fique toda contente com a Cem Cantos e depois reduza todo o seu horizonte a essa Associação. O desejo pára por ali, a pessoa acredita que está seguindo a realidade e se detém ali. Mas isso não pode impedir que o Mistério tome a iniciativa, não pode impedir que, caso você deixe entrar alguma outra coisa, caso você vá, por exemplo, falar com o padre Pino, ele seja seu amigo, uma vez que lhe faz a mesma pergunta: “De que lhe adianta ganhar o mundo inteiro, se você perde a si mesmo?”³³. Em outras palavras: “O que você quer?”. Isso é um amigo.

³³ Cf. Mc 8,36; Lc 9,25.

Do que é que você precisa? De um amigo, de alguém que – seja qual for a situação, seja qual for a redução do horizonte em que você foi parar – escancara você novamente para toda a grandeza do seu eu: “Afim, o que é que você quer?”, e põe tudo de novo em discussão, reabre a sua ferida, reabre todo o seu itinerário humano. É por isso que você pode ficar entusiasmado diante dos seus alunos, que, por sua vez, sem se cansar daquilo que desejam, o provocam. E você é mais uma vez solicitado pela realidade, por uma parte da realidade, a ser você mesmo.

Nós não devemos nos preocupar com a redução. O problema não é essa redução. O único problema é que quando o Mistério, Cristo, por meio da modalidade que Ele escolhe, entra novamente na sua vida e reabre a sua ferida, você seja leal. Não devemos ter medo: Ele cuida de pôr à nossa frente alguma coisa que reabre outra vez a nossa ferida, reabre em nós toda a amplitude da razão, do desejo, do drama humano. A única coisa é se naquele momento nós aceitamos. É disso que precisamos, dessa lealdade diante de uma objetividade que se impõe a nós. A objetividade é o Mistério presente, Cristo, que nos reabre o drama constantemente. Do contrário, mesmo diante de uma coisa bonita, a pessoa atola; atola na Cem Cantos, atola com a namorada, depois se casa e fica atolada no casamento. É preciso que a ferida seja reaberta constantemente. Do contrário, perdemos o melhor da Cem Cantos, o melhor da namorada, o melhor do trabalho, o melhor de tudo, porque nos sufocamos: o que parecia belíssimo se transforma no túmulo, com ou sem o epítáfio: “Aqui jaz um fã de Dante”.

Depoimento. Quando você falava da lealdade, eu me senti estimulada a falar, porque desejo ardentemente olhar para as coisas pelo que elas são. Aconteceu um fato dramático na nossa comunidade, uma espécie de terremoto, que parece tirar o chão que você pisa (um amigo querido, que era um ponto de referência para nós, de repente foi embora); e isso faz você se perguntar com uma urgência renovada: “Afim, quem sou eu? De quem eu sou? O que me interessa? Por que estamos juntos?”. É como se as formalidades, as aparências tivessem caído brutalmente. Nessa circunstância, eu vi a diferença entre parar na escuridão, como você dizia antes, como quando as pessoas ficam juntas diante da “lareira” de Pascoli (as pessoas se apinham para escapar da tempestade, ouvem-se lamentos no meio da noite, mas, substancialmente, todos ficam no nada), e um desejo de vida, de verdade, de bem, pelo qual a pessoa não aceita a escuridão e começa a gritar, a pedir uma consistência verdadeira de si. Eu vi a diferença radical que existe na nossa maneira de estarmos juntos, que adquire uma natureza diferente, se torna comunhão. O problema não é evitar encarar essa fraqueza, essa fragilidade que pode nos fazer renegar tudo, mas, por paradoxal

que possa ser, a questão é justamente nos ajudar a ficar nesse nível. A comunhão entre nós se torna necessária não para que digamos: “Vivam vocês por mim”, mas para sustentar o desejo de entrar no drama todo da vida, para termos mais consciência de que não somos nada e de que tudo nos vem de um Outro. Não é óbvio que de um “mal” possa surgir um bem, como um salto da nossa consciência. Isso ficou claro quando tomamos consciência da nossa condição de carência radical e não nos envergonhamos disso, a ponto de nos agarrarmos à mão que se estendia para nos ajudar e que nos indicou um outro método. Realmente, nós não parávamos de olhar para o problema e, quanto mais olhávamos, mais afundávamos. No entanto, a pessoa que nos ajudou nos disse: “Vejam: se vocês quiserem entender, abraçar essa dificuldade também, têm de olhar para uma outra coisa, por exemplo para o que aconteceu em Roma³⁴”.

Carrón. O que ela está contando é um pouco obscuro para a maioria, e, para esclarecê-lo, vou dar um exemplo usando uma passagem do Evangelho. Quando os discípulos estavam com Jesus e todos os outros tinham ido embora, Ele não os poupou da pergunta: “Vós também quereis ir embora?”³⁵. Em certas situações, diante das coisas que acontecem – boas ou ruins –, o que é que pode fazer que um evento negativo, como o fato de que todos os outros foram embora, se torne um bem para aqueles que ficam? Que a pessoa esteja disponível a pôr-se diante do fato que faz nascer a pergunta: “Mas vós também quereis ir embora?”. Isso faz que os discípulos, para permanecer, tenham de responder a si mesmos essa pergunta. Isso gera neles uma consciência do motivo pelo qual ficam e uma comunhão entre eles que antes não existia, já que agora têm mais clara a razão pela qual ficam. A questão não é chegar a um acordo para ver como resolver o problema, como nós às vezes fazemos: “E agora, como é que vamos enfrentar esta questão?”. Não, cada um de nós deve pôr-se diante da pergunta que nasce da realidade. Ao responder, cada um é obrigado a tomar uma posição. Cada um dos discípulos teve de reconhecer por que ficava, e isso fez que entendessem mais a razão da sua comunhão. Sem isso, qualquer inconveniente que acontece numa comunidade se torna um “menos”. No entanto, ninguém diz que deva ser assim: como em tudo, essa é uma resposta nossa. Quando a pessoa enfrenta dificuldades no trabalho, quando tem um problema com a esposa, quando tem um problema com a circunstância, com os amigos, quando tem um problema

³⁴ Referência à audiência de CL com o Papa Bento XVI, que reuniu mais de 100 mil pessoas na praça de São Pedro, em Roma, no dia 24 de março de 2007.

³⁵ Cf. Jo 6,67.

com a comunidade, o verdadeiro problema não é o problema! De fato, qualquer coisa é um convite a ir até o fundo, a levar a sério a pergunta que nasce, de modo que se possa encontrar a razão última de tudo, aquele “antes” que dá consistência a tudo, pelo qual vale a pena atravessar todas as circunstâncias.

Esse é o trabalho, amigos. Jesus não nos poupou dele e nós não podemos passar por cima dele. A menos que renunciemos a ser homens. Pois um homem fica com toda a sua humanidade, com toda a sua razão, com toda a sua liberdade diante da realidade. Se aderirmos, tudo o que acontece na vida poderá se tornar construção, uma construção inesperada. Do contrário, nos esmagará. Aqui se vê o alcance, para a vida, da percepção do eu de que fala Dom Giussani, do fato de que eu não sou uma peça do mecanismo das circunstâncias, mas relação com o Mistério. Para a maioria, certas circunstâncias são um túmulo; para quem tem essa consciência, tudo se torna uma oportunidade, faz que se floresça novamente: até a escuridão se transforma em oportunidade para que eu me dê conta de que Tu existes, e isso me faz renascer.

Nós precisamos decidir se queremos ser leais ou não com essa urgência que nos vem da realidade. De fato, o Mistério nos chama por intermédio da realidade; nós não precisamos de “abstrações místicas”. É por intermédio da realidade que o fundo último se torna tão claro quanto a aparência. É nisso, justamente, que consiste a verdadeira mística: ver o fundo da mesma forma como vemos as coisas comuns. Naquele dia, os discípulos viram o fundo como viam as coisas comuns. Todos iam embora, parecia que isso era tudo; mas a pergunta de Cristo os fez ir além da aparência, eles perceberam o fundo da realidade com toda a sua evidência, ou seja, perceberam a razão pela qual continuavam ali. E a razão estava no fundo deles mesmos, naquela correspondência que tinham percebido no encontro com aquele Homem, da qual, todavia, sem aquela pergunta, sem aquele evento, não se teriam dado conta.

Tudo, então, se transforma em oportunidade para crescer nessa consciência, nada é inimigo, tudo se torna “degrau”, como Dom Giussani disse uma vez, algo que nos introduz ao Mistério. Assim, torna-se familiar o fundo das coisas comuns; assim, o Mistério se torna familiar. É preciso que façamos essa experiência, para que, quando acontecem certas coisas, possamos nos ajudar. Do contrário, quando procurarmos ajudar, aumentaremos os problemas. É inexorável: se a pessoa não tem essa percepção da realidade, do Mistério, complica.

Vamos parar por aqui. Continuaremos à tarde. O tempo livre é sempre para continuar este trabalho entre nós. O que estamos fazendo é um gesto, não existem momentos de trabalho e momentos em que ficamos sem fazer nada, tudo é uma oportunidade para nos ajudarmos a entender mais.

Domingo, tarde
26 de agosto de 2007

ASSEMBLÉIA

Depoimento. Da primeira vez que ouvi você dizer que não conseguia se levantar de manhã sem pensar em Cristo, percebi que essa era a coisa que eu mais desejava na vida. Desde então, nestes últimos dois anos, comecei uma luta para chegar a essa mesma postura, sem resultados. Quando li a frase de Dom Giussani: “Fazemos tudo por Jesus, mas o coração está distante”³⁶, senti uma profunda tristeza, porque eu não sabia como vencer essa distância. Nos últimos meses li dois livros que me impressionaram e, ao mesmo tempo, me encheram ainda mais de tristeza (*A estepe*, de Tchecov, e *Jó*, de Roth), pois neles também se falava dessa relação familiar com o Mistério que eu desejava para mim. Ontem, quando ouvi você dizer a frase inicial, “até os cabelos da nossa cabeça estão todos contados”, eu me dei conta, por graça, de que o método é totalmente diferente do que eu buscava, de que o meu problema é que a maneira como o Mistério me olha não é familiar para mim. O método é um outro: é um homem, Jesus, que me diz que “até os cabelos da minha cabeça estão todos contados” e que, quando todo o mundo vai embora (como acontece depois da multiplicação dos pães), me pergunta: “E você, por que continua aqui?”

Carrón. O método é virado de ponta-cabeça: não é algo que eu devo procurar, mas é o Mistério que me alcança por intermédio da realidade. É o “antes” de que eu falei ontem: essa objetividade do real que vem ao meu encontro, pois a realidade é o sinal do Mistério, é o Mistério

³⁶ Cf. Giussani, L. “A familiaridade com Cristo”. In: *Passos Litterae Communio-nis*, nº 80, março de 2007, p. 2.

que toma a iniciativa constantemente. Podemos ficar no Movimento anos e anos e isso não se tornar nosso. Essa é a razão da minha insistência no décimo capítulo de *O senso religioso*³⁷. É por isso que Dom Giussani diz que o capítulo X – como vocês já me ouviram repetir até ficarem cheios – é o ponto chave da nossa maneira de pensar. Sem a realidade, não existe o eu; o eu vem à tona, é despertado outra vez pelo choque com a realidade; é a realidade que desperta uma vez mais toda a minha pergunta. E a realidade pode ser bonita ou feia. Não é verdade que quando a realidade me machuca não me desperta a pergunta: isso também desperta o meu eu novamente, é o Mistério que vem ao meu encontro. Aquilo a que devo me ater é esse contragolpe do ser: eu posso estar distraído ou cheio de dificuldades (pensem no que quiserem: “Estou magoado, o chefe me despediu, a esposa não me considera, não me dá atenção”), mas não posso evitar – e esta é a libertação – que no dia seguinte surja um esplêndido dia de sol. Essa é a objetividade que nenhuma interpretação nossa pode evitar: nenhuma das minhas feridas pode evitar que surja um belo dia, que eu me encontre diante de um gesto ou do olhar absolutamente gratuito de um outro; nada pode evitar que eu, chegando aqui com todas as minhas problemáticas, com toda a minha tristeza, ouça alguém dizer: “Até os cabelos da tua cabeça estão todos contados”.

Não devemos nós fazer a parte de Deus. A nossa responsabilidade é a disponibilidade ao que Ele faz. É isso que nos faz repousar, pois eu não posso evitar decair constantemente, essa é uma coisa que eu não posso evitar; é inútil lutar contra isso. A questão é que, na hora em que o Mistério me pega mais uma vez pelos cabelos, na hora em que me desperta novamente, na hora em que vem ao meu encontro, eu seja leal.

O nosso problema é uma carência atroz de afeição, como eu dizia hoje de manhã retomando a frase de Dom Giussani. O que me deixa surpreso é ver o quanto nós podemos ser impermeáveis. Uma pessoa me contava que durante um ano ficou magoada com uma coisa – durante um ano! Eu disse: mas nesse ano inteiro em que você ficou determinado por essa mágoa, por essa ferida, não aconteceu nada, o Mistério não veio ao seu encontro, tudo foi igual a zero? Não digamos bobagens: durante esse ano inteiro, você nem ligou para o Mistério que veio ao seu encontro! O problema não é que alguma coisa me machuque, o problema não é que eu tenha algum aborrecimento ou inconveniente na vida, alguma confusão, o problema não é que isto ou aquilo aconteça; não é esse o problema, essas coisas nós não podemos evitar, não podemos levantar um muro para nos defender de todos os contragolpes da realidade. O problema é

³⁷ Cf. Giussani, L. “Como se despertam as perguntas últimas. Itinerário do senso religioso”. In: *O senso religioso*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, pp. 143-154.

que nessa situação o Mistério não está parado, porque não somos nós quem decide o que o Mistério faz: o Mistério vem ao nosso encontro, e nós somos obrigados a negar isso continuamente. Essa é a nossa imoralidade, essa é a nossa resistência. Foi a segunda coisa que eu disse ontem, depois de sublinhar o “antes”: a resistência por trás da qual podemos nos esconder. O problema não é que a realidade me machuque, mas o que eu fiz diante de todas as iniciativas que o Mistério, durante um ano, teve comigo, o que eu fiz diante dessa objetividade. Se não estiver clara a objetividade de tudo isso, me digam, porque essa é a coisa que mais do que qualquer outra me consola. Eu não posso evitar que certas coisas aconteçam: esse “antes”, essa iniciativa permanente do Mistério não depende de mim, não depende do fato de que eu esteja zangado ou não. O Mistério toma a iniciativa comigo mesmo quando eu estou zangado, toma a iniciativa comigo, esteja eu magoado ou cheio de raiva: pensem no que quiserem, mas Ele toma a iniciativa.

Depoimento. Gostaria de exemplificar isso e falar alguma coisa sobre método. No ano passado eu me dei conta, de repente, de que Cristo estava se tornando uma imaginação em vez de uma Presença a ser reconhecida. Eu percebi isso por uma porção de coisas: quando rezava, a minha cabeça divagava e nada me tocava; no trabalho, o que me dominava era a carreira; no Movimento, a questão era afirmar a mim mesmo; e, acima de tudo, a desproporção estrutural, pela qual as coisas não bastam, em vez de se tornar um pedido, virava sempre um lamento – até com você eu sempre me lamentava. E aqui vem a presença do Mistério. De repente, uma frase sua me iluminou, enquanto eu trabalhava sobre ela: “Perdem o melhor”. Ali, eu me dei conta de que eu tinha a presença do Senhor bem na minha frente e não a via, ela estava em você e nos outros da minha casa do *Memores Domini*, que estavam olhando para o Mistério, ou seja, estavam vendo na realidade uma coisa que eu não via. Assim, o método para sair daquilo não era pedir que você me olhasse, mas olhar para onde você olhava. Às vezes, por exemplo, na missa, vejo como você se identifica com o gesto que está fazendo, ou, outras vezes, diante de condições difíceis, vejo que é como se você tivesse uma paz por dentro. De certa forma, então, a questão para mim é querer ficar de olho no lugar para o qual você olha, para que eu também possa ver aquilo que você vê. É uma questão de método: quando o Senhor se deixa ver, é preciso começar a olhar outra vez. A impressão que tenho é que estou voltando ao início da vida do Movimento. Olhar para onde alguém olha, segui-lo, é uma coisa simples e simplifica as coisas. Basta ter a humildade de dizer que a pessoa que você tem à sua frente é mais do que você, e vê quando você não vê.

Cesana. Eu estou me dando conta de uma coisa: de que nós pensamos no mistério como aquilo que não entendemos do que temos. Mistério é o que eu não entendo da minha mulher, por exemplo. Ao passo que o mistério é a mulher que diz que é minha; ou seja, o mistério é o que entendemos do que não temos, do que nos foi dado, do que não é nosso. A diferença é abissal, pois, no primeiro caso, o critério no fundo sou sempre eu; no segundo caso, tudo o que acontece é uma abertura, é uma abertura de sentido, ou seja, é algo a aprender. E isso é o cristianismo. Jesus Cristo é essa vida, essa presença, essa experiência que abre continuamente a pergunta diante da realidade.

Depoimento. Eu gostaria de contar um fato e pedir um juízo. Há algum tempo um jovem de 17 anos, que nos conheceu e ficou no Movimento (ele mora com os universitários, apesar de ainda não estar na universidade, por causa de algumas histórias um pouco pesadas na sua família, relacionadas com consumo de drogas, prisão, etc.), me escreveu uma carta, na qual dizia uma coisa que tem muito a ver com a segunda meditação da Fraternidade, na qual você comenta a frase: “A lei da existência é o dom de si”³⁸. Eu gostaria de entender qual é a condição para que isso seja possível. Na carta, ele contava o seguinte episódio. “Um professor veio dar um testemunho num fim de semana de convivência de estudo e eu fiquei muito impressionado com a relação que ele tinha com seus alunos. Entre outras coisas, esse homem disse: ‘De uma forma ou de outra, todo o bem que eu quero a um outro, essencialmente, vem de querer o bem a mim mesmo’. Eu não entendo essa frase. As pessoas que evitaram que eu acabasse me suicidando também não paravam de dizer: ‘Não nos agradeça, porque o que nós fazemos por você, na realidade, nós o fazemos por nós mesmos’. Como não entendi, fui reler o Evangelho, e não me parece que Jesus tenha dado a vida por si mesmo”. Logo depois, ele contava outros dois episódios significativos. “Fui ao fim de semana de convivência de estudo dos universitários. Como ainda estou no Ensino Médio, e não tinha nada para estudar, fui para a cozinha e preparei a comida para todo o mundo. Trabalhei dez horas por dia. Ali, eu fiz uma experiência estranha: ao me doar a eles, descobri novamente a mim mesmo”. Depois, vem o segundo episódio: “Aconteceu comigo uma coisa parecida quando eu fui aos Exercícios dos Universitários. Ouvi o Carrón, voltei para casa e queria contar a todos os meus antigos amigos o que havia acontecido. Só que eu fiquei doente, não conseguia sair para tirar cópias do texto e acabei copiando à mão a palestra do Carrón, que tinha saído na revista. Copiei várias vezes o texto à mão e agora sei a palestra de cor. Mas ao fazer isso, ao prestar um serviço, de novo eu me descobri mais eu mesmo”.

³⁸ Cf. “Cristo atrai-me todo a si, tão belo é”. Op. cit., p. 33.

De um lado, fiquei muito impressionado com essas coisas; de outro, constatei que é como se, quase naturalmente, ou de maneira naturalista, ele tivesse descoberto o que significa viver, ou seja, que viver é dar a vida. Mas me surgiu uma pergunta dramática: até quando uma dinâmica como essa pode continuar? Se essa dinâmica não encontrar um ponto de fuga, a pessoa pode morrer por dentro. Quando você falava do “antes”, comecei a me lembrar daquela frase duríssima de São Paulo que diz: “Se eu gastasse todos os meus bens para sustento dos pobres, se entregasse o meu corpo às chamas, mas não tivesse caridade, isso de nada me serviria”³⁹. Gostaria de perguntar se isso tem a ver com a “piedade” de que você falava ontem. Mas tenho também uma outra pergunta. Vendo esse garoto, fica evidente que a pessoa pode aprender a lei da existência e mesmo assim não chegar a lugar nenhum, pode praticar essa lei e não chegar ao ponto em que essa lei salva a sua vida; sendo assim, o que salva a vida é aquele “antes”, é um Fato que acontece. Por isso, eu gostaria de lhe perguntar: mas nós, que estamos diante desse espetáculo, até comovente, como podemos fazer que o sacrifício da vida, mesmo quando é por um ideal, faça a vida florescer, em vez de acabar numa dissolução?

Carrón. Estes dias me mostraram uma frase de Sêneca, que foi tema do vestibular deste ano. Eu quero citá-la para dizer como essa dinâmica que acabou de ser descrita é a lei da vida, e por isso uma pessoa pode ter a genialidade ou a graça de descobri-la. Diz Sêneca: “Eu possuo aquilo que doei”⁴⁰. A lei da vida é esta: doar-se. Não é que a lei da vida seja essa porque Cristo diz que é assim. Cristo revela um mecanismo estável: que a vida é doar-se, que eu possuo a vida quando a dou, e que, quanto mais eu a dou, mais me torno eu mesmo. Essa não é a lei “cristã” da vida, é a lei da vida pura e simplesmente. Por isso, um jovem pode descobri-la, pode experimentar e captar esse dinamismo. Você pergunta: até quando a pessoa pode continuar assim, sem algo que constantemente volte a despertá-la? Eu digo: vai ser difícil que isso continue; a pessoa pode chegar a isso num momento de genialidade e depois decair.

Mas o que me interessa é a segunda parte da sua observação: a pessoa pode permanecer nessa busca – você dizia – e não chegar nunca. Nestes meses, numa liturgia da missa, a primeira leitura era aquela passagem do Gênesis⁴¹ em que o Mistério aparece a Abraão e Abraão começa logo a se mexer para responder àquela Presença (matar o vitelo,

³⁹ 1Cor 13,3.

⁴⁰ Sêneca. *De beneficiis*, VI, 3.

⁴¹ Cf. Gn 18,1-10.

preparar a refeição, etc.); ele se esforça para prestar uma homenagem àquela Presença. O Evangelho era o de Marta e Maria⁴². E parecia que Marta fazia o mesmo que Abraão: ela também não parava um minuto. Mas Jesus a repreende. Isso significa que a pessoa pode fazer todas essas coisas, pode se dar, mas de uma maneira que não é adequada. Eu sempre me perguntei: por que Jesus a repreendia? Muitas vezes, ouvimos que a resposta é a oposição entre a contemplação e a ação. Mas eu tive esta outra idéia. “Marta, Marta! Tu te preocupas por muitas coisas...” Por que Jesus a repreende? Porque Marta, ao servir, não está interessada na Presença que tem à sua frente, o fato de servir não preenche a sua afeição. E como é que a gente vê isso? Pelo fato de que ela cobra da irmã: “Ela não vem me ajudar!”. Mas, se eu estou tão entusiasmado por poder servir alguém, que me importa que o outro não esteja ali? Estou tão contente por poder servir, que para mim não é um problema que a minha irmã não esteja me ajudando. No entanto, se eu sirvo de um modo que não é adequado, é fácil ver isso, porque eu não fico satisfeito, ou seja, a minha afeição não é preenchida. O problema não é a oposição entre fazer e contemplar, mas é a forma da relação, se é uma relação capaz de preencher. É por isso que Dom Giussani diz que só é razoável doar-se a uma pessoa. “Tudo” é uma pessoa: Deus. Por isso, se naquilo que fazemos não domina a afirmação de Deus, do Mistério, ou seja, de Cristo presente, o fazer é uma corrente infinita, que nunca termina e já não nos preenche, e isso se vê pelo fato de que nós cobramos dos outros! Todos os generosos, cedo ou tarde, acabam cobrando dos outros, porque o problema deles não é afirmar o Outro, não é a relação com aquela Presença capaz de satisfazer o coração, mas é simplesmente aquilo que fazem.

Porém, sendo que a natureza do meu eu é desejo de infinito, tudo o que eu faço é nada em comparação com o que eu desejo. O problema, portanto, não se resolve num fazer, mas, sim, num relacionamento. É por isso que Jesus é um defensor obstinado da religiosidade. Ou nós aprendemos isso ou ficaremos sempre insatisfeitos, mesmo que não paremos de fazer coisas, no Movimento ou fora dele, como responsáveis ou participando de reuniões: esse será o nosso túmulo. Nós esvaziamos o mistério do eu, e pensamos que podemos nos arranjar com aquilo que fazemos ou com aquilo que conseguimos obter ou com o trabalho ou com a esposa ou com as férias. Não! Sinto muito, mas cada um de vocês pode verificar isso na sua experiência. Sem o Mistério, não dá para entender nada. O que eu desejo é o Infinito; portanto, é apenas na relação com o Infinito que eu posso encontrar uma resposta.

Isso nos parece algo “espiritual”, e não a lei da vida, a revelação do

⁴² Cf. *Lc* 10,38-42.

meu eu, a revelação do Mistério. Nós dizemos estas coisas quando estamos aqui na assembléia, mas, na vida, agimos de acordo com outros critérios, procuramos a satisfação em outras coisas. Encaremos a nossa vida, observemos a dinâmica com a qual nos movemos, passemos o nosso dia pelo *scanner*: nós não paramos de arranjar o que fazer, mas a insatisfação continua, como para Marta. Todo o peso e todas as recriações nascem desse mal-estar e não têm nada a ver com a maioria das coisas de que temos falado aqui. A origem última está nisto: o nosso problema afetivo não é resolvido, porque esse problema só se resolve numa relação, que se chama religiosidade. Ou nós nos ajudamos nisso ou, querendo ou não, uma vez que esta é a lei da vida, não a lei “cristã” da vida, estaremos sempre insatisfeitos. Isso se vê pelo fato de que cobramos daqueles que estão do nosso lado, que sofrem as conseqüências de um problema não resolvido nosso. Diante dos outros, sendo que eles não vêem como agimos na vida real, podemos fingir, podemos fazer Escola de Comunidade e reuniões várias. Mas depois arcamos com as conseqüências, e aqueles que estão do nosso lado também arcam com elas. É preciso uma boa dose de coragem para encarar a vida e não ficar contando mentiras!

Depoimento. Eu me dou conta de que caio sempre num engano, o de pensar que algumas coisas nos foram dadas, mas não que tudo nos foi dado. É o que você dizia quando falava da “piedade”, me parece: tudo nos foi dado, o ser nos foi dado. E o Mistério podia chamar quem quisesse, podia chamar gente muito melhor do que eu, mas foi a mim que ele pegou. Essa, no meu modo de ver, é a verdadeira origem de uma gratidão.

Duas coisas me impressionaram de modo particular este ano, de tudo o que eu vivi. A primeira foi ver como o meu filho, que começou o Ensino Médio, se envolveu com os colegiais do Movimento: não faltou nem uma só vez à missa e à Escola de Comunidade. E eu nunca disse nada a ele, embora ele sempre tenha visto em nossa casa o tipo de amizade que eu vivia. A segunda coisa está relacionada à minha antiga professora da universidade. Quando eu era estudante, ela era a única leiga no meu departamento. Em 24 de março, aos 70 anos, hoje diretora de departamento, ela estava conosco em Roma, na praça de São Pedro, debaixo de chuva. Deus pode realmente mudar a vida de qualquer um. O que nos é pedido é que olhemos. Mas, devo dizer, é preciso buscá-Lo, pois, se não O buscamos, se não buscamos o Seu rosto naquilo que acontece, é difícil vê-Lo.

Carrón. É preciso reconhecê-Lo, pois é Ele que se torna presente. Veja os exemplos que você deu (o filho, a professora): mesmo quan-

do você está distraído ou transtornado pelos problemas, há sempre alguém por meio do qual o Mistério o desperta outra vez, há sempre alguma coisa que Ele faz acontecer. O Mistério não chega não sei de que jeito, Ele chega sempre por meio de um sinal. A única questão é que, quando o sinal me alcança, quando o Mistério me alcança por meio daquele sinal – tenha ele o rosto do filho ou da professora –, eu perceba e ceda ao reconhecimento da presença d’Ele. Você não pode reduzir o que vê no filho a um conjunto de circunstâncias; não consegue reduzir a presença da professora em Roma a um conjunto de circunstâncias, e é obrigado a pensar n’Ele. Há gestos, momentos, nos quais o Mistério se torna tão evidentemente presença por meio do sinal que você não é capaz de reduzi-Lo. Essa é a ternura do Mistério, com a qual Ele alcança você. A questão é se, quando o Mistério se torna tão evidentemente presente, você está ali, O reconhece. É aí que se vê se você O busca, se está na atitude de buscá-Lo, na disponibilidade a buscá-Lo. Se diante do sinal você não O reconhece, então se dá conta de que não O busca. E, vice-versa, você se dá conta de que O busca porque naquele momento cede ao reconhecimento: é Ele que toma a iniciativa constantemente. E isso é um alívio, pois não sou eu quem deve sustentar o Mistério. Eu só tenho uma responsabilidade: responder, ceder a Ele, quando se torna presente. E então a vida é uma outra coisa.

Depoimento. Hoje eu estou comovido e cheio de gratidão porque todas as coisas que você disse agora descrevem toda a minha vida e me ajudam a entendê-la. A minha vida é marcada pelo fato de que – por escolha ou por obrigação – estou sempre diante da necessidade. Sou médico há vinte e quatro anos, tenho uma filha de 20 anos com uma grave deficiência, estou à frente de uma organização sem fins lucrativos que se dedica aos deficientes. Essa insatisfação de que você falava descrevia totalmente a minha vida. Eu tinha vontade de me dar, quis dar a vida por Jesus, mas era como dar um pouco de vida, dar até onde eu chegava, até a necessidade que encontrava. Em mais de um momento da minha vida, sobretudo hoje, eu me dei conta de que justamente a pessoa que eu quero ajudar (veja a minha filha) foi a causa da minha conversão, ou seja, é a maneira pela qual o Mistério me atraiu cada vez mais para Si. Quando Giulia nasceu, eu e minha esposa estávamos um pouco afastados do Movimento: nestes anos, o Mistério nos atraiu cada vez mais para Si. Digo agora uma coisa que poderia parecer estranha: a relação com ela para mim é a maneira mais límpida da relação com o Mistério.

Carrón. Vejam, ou este homem é louco ou tem razão. Porque dizer que uma filha deficiente é o ponto preferencial da relação com o Mis-

tério ou é verdade ou é loucura. Isso significa que não há aspecto da realidade que não possa se tornar caminho, que não possa ser usado pelo Mistério para me atrair. Então, como me dizia um noviço dos *Memores Domini*, “não há circunstâncias positivas e circunstâncias negativas”. Aquilo que todo o mundo poderiam definir “negativo”, se a pessoa está disponível, se ela busca, como se dizia antes, se está disponível à forma como o Mistério a toma, pode se tornar a oportunidade privilegiada para uma relação absolutamente única, excepcional, com o Mistério, que chega ao ponto de nos surpreender.

Depoimento. Uma última coisa. Por minha filha, eu daria a vida totalmente. Mas eu me dou conta de que esse dar-se totalmente de que você falava nos Exercícios (dar a vida a Cristo é a única possibilidade de satisfação) só é possível quando fica claro para mim que eu não tenho à minha frente uma necessidade que tenho de resolver, mas o próprio Mistério que me está escolhendo.

Depoimento. Quando você citava a frase de Dom Giussani: “Fora da consciência do todo [ou seja, do Mistério], o homem se sentirá sempre prisioneiro ou entediado”, eu pensava que então o que torna a vida de um homem uma coisa grande é justamente essa relação com o Mistério, com o Infinito: só isso está à altura daquilo a que o homem aspira. Quero contar um pequeno episódio, uma imagem recente, que permite ver isso.

No Meeting de Rímíni, acompanhei meu professor, George Smoot, o atual Prêmio Nobel de Física. Ele ficou muito surpreso com toda a riqueza e a vida que viu ao seu redor, mas a coisa que mais o impressionou foi que tudo isso se baseia na oferta livre, gratuita de muitos jovens e de muitas pessoas. Uma noite fomos jantar em San Marino. A pessoa que dirigia o carro em que estávamos era justamente um jovem de Rímíni. Quando voltamos – era muito tarde –, o professor quis investigar mais uma vez: “Mas quem é que põe à disposição os carros, os motoristas?”. Eu lhe confirmei: “Os motoristas são todos voluntários”. Então ele disse: “Oh, meu Deus, mas então estamos fazendo sofrer uma pessoa que poderia estar em sua casa”. Traduzi para o rapaz o comentário de Smoot e ele respondeu imediatamente: “Não, não; para mim é um sofrimento feliz”. Traduzi essa observação a Smoot e ele ficou sem saber o que dizer. Um “sofrimento feliz”. Lá estava Smoot à minha frente, com toda a sua genialidade, com toda a sua tensão e a sua irrequietude, mas também com toda a sua incapacidade, pela história que teve, de ver tão claramente o que aquele jovem via. Realmente, só na relação com o Mistério a pessoa pode dizer “sofrimento feliz”, como o Ercole dizia agora. Qual destas duas coisas é maior – do ponto de vista do que é um

homem, ou seja, da realização de uma vida humana —: a genialidade do Prêmio Nobel ou a pessoa simples que reconhece o Mistério? É como ter de rever aquilo pelo qual realmente vale a vida. A pessoa pode dar até o corpo para ser queimado, mas, sem essa relação com o Mistério, não consegue ficar satisfeita.

Você dizia ontem: existe um gosto em sermos dominados. Só o infinito pode ser aceito por nós como aquilo que nos domina; nada que seja finito pode ser aceito como algo que nos domina, nem que fosse a coisa mais importante, mais poderosa, mais genial, nem que fosse a comunidade no sentido das pessoas que a constituem. Não existe nada que possa estar à altura da nossa aspiração. Mas esse infinito seria ainda uma abstração se não fosse uma pessoa, como você dizia antes. Isso é uma dramaticidade, um fascínio que na nossa companhia nós podemos ver e seguir.

Carrón. Esse episódio me impressiona porque a nossa tentação é sempre impor nossos preconceitos ou nossa medida sobre a realidade: exceto quando nos encontramos diante de um fato que nos deixa sem saber o que dizer e, em vez de sermos nós que dominamos o fato, somos dominados, tomados por ele. Se não houvesse momentos desse tipo, o Mistério poderia fazer qualquer coisa e nós, no final, reduziríamos tudo às explicações de sempre. Mas nem o Prêmio Nobel pode se impedir de ficar sem palavras diante de um gesto absoluto de gratuidade. Se não houvesse esses momentos, nós encontraríamos respostas, explicações, interpretações para não nos deixarmos impressionar por nada. O bonito é quando acontece alguma coisa que nós não podemos dominar. Aí somos obrigados a reconhecê-lo, e essa é a grande questão da filosofia: as condições de possibilidade de conhecimento (ver Kant) se impõem sobre a realidade ou existe alguma coisa que é tão fortemente desproporcional que não se deixa “tomar” pelas condições de possibilidade, e então o horizonte se escancara? Se não houvesse isso, nós poderíamos dominar tudo e ficar em paz, ou ao menos sem drama. No entanto, nem toda a inteligência do Prêmio Nobel pôde impedir que ele se encontrasse diante de um fato que o fez ficar mudo: em vez de dominar, foi ele quem foi dominado. Aqui começa o drama, pois eu sou chamado a responder. É o drama que se desenvolve entre nós e o Mistério, por intermédio de determinados fatos, de determinados momentos, nos quais o Mistério se impõe com essa evidência. São fatos que não podemos tratar como algo corriqueiro, que não podemos reduzir aos fatores antecedentes.

Depoimento. A minha experiência deste ano, do ponto de vista público e íntimo, foi caracterizada por uma grande provação, uma es-

pécie de tsunâmi que despençou sobre a minha cabeça. Porém, mais importante que a provação é Aquele que a permitiu. Esta é, no final, a minha experiência: de que Deus é mistério e a misericórdia se mostrou para mim. Mas a minha resistência a ela não tem fim. Não é que uma vez que acontece essa provação, que se dá esse fato, que depois se revela como um *kairós*, um momento de graça, nós o retemos como um patrimônio para gastar no futuro: o acontecimento da Sua presença é a cada instante, e a cada instante se dá essa minha resistência. Eu chegaria a dizer – mas é o que eu pergunto – que talvez essa resistência também seja um dom, pois permite que você entenda indiretamente aquilo a que resiste, a beleza que se apresenta à sua frente.

Carrón. É impressionante: um fato que faz você sofrer pode se tornar um dom de graça. Mas a pessoa, depois, não pode guardá-lo para mais tarde: sem algo presente, nós estamos acabados. Mas nós não devemos ficar esperando que venham as desgraças. Existe uma presença constante, que se chama Igreja, que é a presença de Cristo que nos prometeu estar conosco “todos os dias, até o fim do mundo”⁴³: é essa presença que sempre nos desperta novamente. Não há doença ou circunstância que tenha a capacidade de nos despertar sempre outra vez como a Igreja, como essa presença que desafia tudo constantemente.

Devo dizer que a resistência nunca é um dom: a resistência pode contribuir para tornar você consciente de que o belo existe, mas por si mesma não é um dom: é resistência ao belo, ao verdadeiro, e por isso não é boa. A resistência, isso sim, pode testemunhar que existe algo belo, justamente porque eu resisto.

Depoimento. Quando você esteve no Peru, em setembro, aconteceu uma coisa decisiva para mim: tudo se simplificou. É como se você me tivesse ajudado a ver a piedade e a compaixão do Mistério, a escolha que Jesus havia feito de mim. Deixando de lado a minha capacidade ou incapacidade, é como se você, ao chegar, me tivesse dito: “Você está aqui, e portanto o Senhor quer que você responda”. Isso repôs o meu eu em questão, me libertou de mil imagens: eu sou simplesmente escolhido, e portanto livre para responder, sem ter de demonstrar nada. Num retiro de que participei, quando uma pessoa lhe perguntou: “Afinal, qual é o meu valor diante de Jesus?”, eu ouvi você responder: “O seu valor é o Batismo, ou seja, Jesus o escolheu e isso ninguém mais tira de você”.

A experiência deste ano, o trabalho sobre os Exercícios da Fraternidade e sobre a Escola de Comunidade tornaram mais evidente para

⁴³ Mt 28,20.

mim que existe um outro fator dentro da realidade. Mesmo nestes dias, olhando, eu não posso dar por óbvio aquilo que vejo, não posso reduzi-lo à soma das nossas capacidades: existe um outro fator, não sou eu quem deve acrescentá-lo. E é extremamente evidente, se a pessoa aceita olhar.

Mas há um “mas” que eu gostaria de lhe submeter. Passar dessa afirmação que acabei de fazer a dizer “Tu” com aquela comoção que muda a vida (não me basta dizer: “Jesus existe”, tenho de dizer: “Tu”) é como se não dependesse de mim, não estivesse nas minhas mãos: eu só posso mendigá-lo, mas não é o resultado de um esforço meu, e sim um dom d’Ele.

Carrón. É um dom que introduz um olhar que se torna seu. E é uma educação, na qual não há nada de mecânico. Não é verdade que você não precisa fazer nada: você precisa reconhecer isso, ou seja, o seu eu precisa entrar em jogo. Se Cristo entra na história para me ajudar no reconhecimento do Mistério presente, para facilitar esse reconhecimento, e não desperta novamente o eu, não põe o meu eu em ação, Ele continua de um lado e eu continuo do outro, não acontece nada. A facilitação que Cristo realiza não poupa o eu, põe o eu em ação. Por isso, dizer “Tu” a Cristo é um trabalho, é um gesto da sua liberdade. Como repeti tantas vezes, a propósito do capítulo X de *O senso religioso*, Dom Giussani, partindo do maravilhamento do real, nos pega pela mão e nos leva até o ponto em que dizemos “Tu” à origem desse maravilhamento, até a nascente da realidade que nos impressiona. Mas, para que isso se torne cada vez mais meu, mais seu, para que se torne familiar um olhar para a realidade que não reduza tudo à nossa medida, para que se torne normal ver o fundo tal como vejo a superfície, é preciso uma educação, um trabalho, não é algo espontâneo. Certos momentos se impõem tanto que facilitam a introdução desse olhar, mas não é por uma espontaneidade que ele se tornará nosso. Precisamos entender isso. Não sejamos presunçosos: às vezes a coisa nos acontece de um modo tão luminoso, que pensamos não ter de fazer nenhum trabalho. Jesus – e a Igreja, como continuação de Jesus – veio para nos educar a esse trabalho, como veremos na palestra de amanhã.

Nós apenas começamos, começamos a vislumbrar o que a vida pode se tornar quando esse olhar se torna nosso, começamos a saborear o que isso significa. O amor que cada um tem por si mesmo e pelo próprio destino é a única razão adequada para continuar este trabalho.

*Segunda-feira, manhã
27 de agosto de 2007*

PALESTRA

Julián Carrón

Como dissemos nos Exercícios da Fraternidade, Jesus tornou presente a concepção que tinha da vida por meio da sua pessoa, por meio da sua presença, com seus gestos, seu olhar, suas palavras, seus milagres, com tudo isso. Ele tornava presente a percepção que tinha da vida, a maneira como olhava para o homem, fazendo tudo isso acontecer naqueles que encontrava. A pessoa de Jesus, o encontro com Ele, a convivência com Ele, foi o método por meio do qual o Mistério nos introduziu – introduziu os discípulos, os primeiros que O encontraram – ao mistério da vida. Se não quisermos reduzir o que aconteceu, o método deve ser o mesmo ao longo de toda a história. Não podemos substituí-lo no instante seguinte por um discurso, por uma abstração: é preciso haver uma presença que torne presente – por meio dos gestos, do olhar, por meio de toda a vida – aquela percepção que Jesus introduziu na história.

Por isso, em *Por que a Igreja*, temos um capítulo que é o equivalente do capítulo VIII de *Na origem da pretensão cristã*; nele, Dom Giussani enfrenta a “missão da Igreja para com o homem terreno”⁴⁴. Nesse capítulo ele reapresenta o mesmo método com o qual Jesus começou na origem de tudo. É útil para nós retomar esse capítulo com esse olhar, ainda que o tenhamos estudado na Escola de Comunidade dentro do percurso sobre a Igreja. Sendo assim, nós vamos retomá-lo com a perspectiva que se origina da pergunta que nasceu para muitos de vocês na assembléia de ontem: “Como posso

⁴⁴ Cf. Giussani, L. “Uma missão da Igreja para com o homem terreno”. In: *Por que a Igreja*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, pp. 249-273.

ser ajudado hoje a descobrir e viver a concepção que Jesus tem da vida? Como é que essa religiosidade se torna minha? Como é que tudo o que vi nos Exercícios pode se tornar familiar para mim?”. Isso – como no início – só pode acontecer graças a uma presença, à continuação da presença de Cristo, que se chama Igreja. E, se retermos esse capítulo com os olhos fixos não apenas na Igreja em sua totalidade, mas também na nossa companhia, no Movimento, nos grupinhos de Fraternidade, nas comunidades, seremos obrigados a reconhecer muitas deixas das quais, normalmente, nos esquecemos, o que nos faz exigir da Igreja ou do Movimento o que a Igreja e o Movimento não podem dar.

Dom Giussani começa o capítulo perguntando-se qual é a função da Igreja na história. Se a Igreja é prolongamento de Cristo, a funcionalidade da Igreja é a mesma funcionalidade de Cristo. E qual é a funcionalidade de Cristo (como vimos nos Exercícios e durante a assembléia de ontem)? A educação ao senso religioso, à religiosidade. Jesus trava uma luta renhida para nos fazer entender qual é a importância dessa religiosidade para a nossa vida, para a salvação do humano. Ele nos faz entender que a religiosidade é a definição da pessoa, ou seja, que a pessoa é relação direta com o Mistério.

Se a função de Jesus na história é a educação ao senso religioso, é introduzir-nos à religiosidade, a função da Igreja é igualmente educar a essa religiosidade, que Dom Giussani define assim: “A posição exata como consciência e, quanto possível, como postura prática do homem diante do seu destino”⁴⁵. A função da Igreja, portanto, é uma função educativa, é nos educar à posição verdadeira, pois, continua Dom Giussani, “a salvação é gerada por uma verdade de posição do homem diante de si mesmo e do seu destino último”. O homem não pode encontrar essa posição verdadeira numa introspecção, numa análise científica, numa ideologia. A palavra definitiva sobre a estrutura de cada homem, sobre nós mesmos, nós a encontramos em Cristo, “o Verbo [que] se comunicou ao homem fazendo-se carne”. Por isso, Cristo nos fez descobrir que o nosso eu é constituído pela relação direta com o Mistério fazendo isso acontecer em nós, não dando uma aula de filosofia: no encontro, Ele nos fez entender que só na relação com Ele é que nós reencontramos, adquirimos uma intensidade do viver, chegamos a um sentimento de nós mesmos, a uma plenitude, que sozinhos não somos capazes de alcançar, que nenhuma análise, nenhuma tentativa nossa é capaz de nos dar.

⁴⁵ Id., *ibid.*, p. 250.

I. A última palavra sobre o homem e a história

Em primeiro lugar, portanto, o que Jesus faz – e o que a Igreja faz – é trazer-nos a última palavra sobre o homem e sobre a história. “Esta palavra definitiva pode ser reconduzida a duas expressões: ‘pessoa’ [...] e ‘reino de Deus’⁴⁶. Ele nos faz compreender, portanto, qual é a natureza do nosso eu – “pessoa” –, a sua absoluta irredutibilidade, pelo fato de ser relação direta com o Mistério, e qual é o significado de toda a realidade, pelo qual a própria pessoa é feita, que pode ser expresso sinteticamente pelas palavras “reino de Deus”. Ou seja, o significado da realidade tem um nome: Jesus; o reino de Deus tem um rosto e um nome: Jesus. Sem isso, sem nos tornarmos conscientes disso, nós ficamos perdidos, somos reduzidos à primeira reação, ao primeiro estado de espírito que nos vem, ou reduzimos o significado ao nosso bel-prazer.

Parece muito pouco dizer que Jesus trouxe essa concepção verdadeira da pessoa e nos ofereceu o significado de tudo; parece muito pouco (e nós sucumbimos em muitas ocasiões e ficamos perdidos justamente porque isso nos parece muito pouco), mas – vejam a percepção que Dom Giussani tem disso – “essa palavra definitiva [sobre o homem e sobre o seu significado] salva o homem”⁴⁷. Nós todos podemos verificar que isso é verdade, podemos reconhecê-lo olhando para a nossa experiência. Quando Jesus entrou na nossa vida, nos fez descobrir realmente o nosso eu, nos fez fazer experiência de qual é a plenitude a que está destinado o nosso eu, descobrimos que o significado último da nossa pessoa, aquilo pelo qual somos feitos, é Ele, é Cristo. É isso que nos salva, nos salvou e nos salva, todas as vezes que acontece. Se nos parece muito pouco – a ponto de continuarmos a buscar, como se nada tivesse acontecido –, é porque não temos a consciência, que Dom Giussani tem, de que é justamente isso que salva o homem. Mas, se fôssemos realmente leais com a experiência que fizemos, todos nós seríamos obrigados a reconhecer: “É verdade, é literalmente verdade”.

“Essa palavra [...] salva o homem e o encaminha para uma posição adequada diante de si mesmo e do mundo, [...] recoloca-o no caminho da sua verdadeira liberdade, [...] ou seja, da sua religiosidade”⁴⁸. Quando o Papa diz que o encontro com o qual começa a fé “dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo”⁴⁹, está dizendo isso. Portanto, sintetiza Dom Giussani: “A Igreja, como prolongamento de Cristo,

⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 251.

⁴⁷ Id., *ibid.*

⁴⁸ Id., *ibid.*

⁴⁹ Bento XVI. *Deus caritas est*. Introdução, 1.

pretende dar ao homem esta palavra: a *pessoa*, o homem imortal, intangível, irredutível, de quem ninguém pode dispor a seu bel-prazer, em função do *reino de Deus*⁵⁰. Pessoa e reino de Deus; ou seja, esse homem que somos nós, irredutível, só se realiza, só encontra o seu significado no reino de Deus, “a ordem secreta das coisas, que o tempo pode contribuir para obscurecer, mas que o tempo conduz para a sua clareza definitiva”⁵¹, e que tem um nome: Cristo.

Por isso, se cada um de nós não convive com o conteúdo dos Exercícios, no qual se diz sinteticamente isso (na primeira e na segunda meditação), de modo tal que se torne seu, fica perdido, continuará a ficar perdido e será constantemente arrastado pelos estados de espírito, pelas circunstâncias, por tudo. Temos os instrumentos que Cristo pôs à disposição de cada um de nós para percorrer o caminho: usemo-los!

II. Uma solicitação contínua

Mas não bastam, nós todos sabemos, as idéias claras e precisas, a doutrina adequada. Na primeira curva já estaremos fora do caminho. É necessária, diz Dom Giussani, uma solicitação contínua, é necessário um lugar que nos eduque a essa religiosidade.

Em que consiste a educação que qualifica a missão da Igreja? Numa “solícita preocupação pedagógica para que o homem venha a ter consciência daquilo que Deus é, uma preocupação que se exprime em contínuos apelos para reconduzir o homem a viver esta consciência de dependência total do Mistério”⁵². Nós o vimos ontem na “batalha permanente” da assembléia: se não existe um lugar que nos educa constantemente, que nos solicita a isso, não é suficiente nem toda a clareza do capítulo que trabalhamos nos Exercícios⁵³. É preciso haver uma presença, um lugar, no qual nós possamos ser constantemente educados, solicitados a essa consciência.

O que devemos esperar, portanto, desse lugar? Aprender com ele a dependência total do Mistério; em outras palavras, que a lei da vida é essa “dependência do Pai que a cada instante gera a nossa vida, nascente contínua do nosso existir”⁵⁴. Devemos esperar “um apelo apaixonado a lembrar-me daquilo pelo qual eu sou irredutivelmente eu”, pois a dependência de Deus é a única dependência que me torna eu mesmo.

⁵⁰ Giussani, L. *Por que a Igreja*. Op. cit., pp. 251-252.

⁵¹ Id., *ibid.*, p. 252.

⁵² Id., *ibid.*

⁵³ Cf. Giussani, L. “A concepção que Jesus tem da vida”. Op. cit.

⁵⁴ Giussani, L. *Por que a Igreja*. Op. cit., p. 252.

Atenção: de um lugar como esse, dos amigos, da Fraternidade, dos grupinhos, das comunidades, nós devemos, portanto, esperar essa solicitação contínua, esse apelo apaixonado – como o de Jesus – à religiosidade, de modo tal que possamos verificar constantemente na vida se é verdadeira a afirmação de que, na dependência de Deus, eu me torno eu mesmo. Se eu não percebo na minha experiência que nessa dependência eu reencontro a mim mesmo, que essa dependência é o bem maior, não haverá apelo que resista. Por isso, preciso olhar para aqueles momentos em que viver essa dependência me fez chegar a uma experiência de vida que eu, por mim mesmo, com os meus pensamentos, com os meus projetos, com as minhas ações, não consigo me dar: eu devo me render ao fato de que, quando Cristo, por intermédio de um lugar, entra na minha vida e me faz viver existencialmente essa dependência, isso me torna mais eu mesmo. Se nós não fazemos experiência disso, apenas nos defendemos. Podemos estar aqui, no Movimento, participar dos gestos, de tudo o que vocês quiserem, mas simplesmente nos defendemos.

Digo que devemos olhar para esses momentos, pois, para a nossa razão, concebida como medida, é quase inimaginável uma coisa como a que dissemos. Para a mentalidade de todo o mundo, para o contexto em que estamos, a última coisa que pode passar pela nossa cabeça é que eu me torne mais eu mesmo na dependência de Deus: mas é nisso que o Senhor nos desafia, e nos desafia fazendo-o acontecer. A presença de alguém que tem experiência dessa “impossível correspondência” que Cristo torna possível, dessa superabundância de plenitude que, graças a isso, encontra em si mesmo, é o maior desafio que se possa fazer ao homem, que se possa fazer à nossa liberdade: essa é a beleza de que tantas vezes nos defendemos. Para nós, o cristianismo, da maneira como nós o recebemos, o encontramos, não foi um discurso, foi um evento, um acontecimento, o acontecimento de um encontro no qual essa correspondência aconteceu, e todos tivemos e temos a possibilidade de encará-la. Portanto, não devemos fazer a prestação de contas não sei com quem, com nossa idéia de Cristo, com o chefe tal, com o responsável da comunidade: a prestação de contas é com essa experiência de “impossível correspondência” que cada um de nós fez. Seria extremamente fácil prestar contas a outra coisa qualquer. Mas, quando a pessoa fez uma experiência como essa de plenitude da vida, aconteça o que acontecer – mesmo que amanhã tenha uma percepção diferente de si e da realidade –, não pode mais apagar o que aconteceu (como quando a pessoa experimentou um vinho espetacular: seja qual for o vinho que lhe servirem no dia seguinte, não consegue mais esquecer o que bebeu). É inútil: aconteceu, é um evento.

Se o que nós ouvimos fosse apenas uma teoria, poderíamos tranqüilamente jogá-la no lixo. Mas, se o que nós vimos é uma experiência na

qual veio à tona com clareza a percepção verdadeira do nosso eu como dependente do Mistério, a plenitude que o nosso eu (o “meu” eu, não o eu do homem, o meu e o seu eu!) adquire nessa relação, então não podemos mais voltar atrás. Essa é a experiência tornada possível pela Igreja hoje, pelo Movimento hoje, por aquele termo último da Igreja que nos alcançou. A Igreja, moldando-nos (“Dispondo, plasmando, tu nos formas como um artista”, diz um autor da alta Idade Média, citado por Dom Giussani⁵⁵) e depois chamando a nossa atenção para aquilo de que tivemos experiência, se torna um apoio essencial para percorrer o caminho.

O homem, portanto – esta é a grande ternura do Mistério –, não está sozinho: “Por definição está em companhia de um Outro que lhe é Pai”⁵⁶, que o gera. Nós fomos gerados, “somos” gerados, e, no dia em que isso não acontece, nós decaímos. “Por isso, quando perguntaram a Jesus como deveriam rezar, Ele nada encontrou dentro do horizonte das experiências humanas que fosse melhor do que mostrar o homem como um filho entre os braços de seus pais e respondeu que deveriam dirigir-se a Deus chamando-o Pai, e Pai ‘nosso’”. Mas quando foi a última vez que nós rezamos o Pai Nosso com essa consciência? A Igreja, fazendo-nos rezar assim, nos solicita de uma maneira absolutamente maternal, discretíssima, mas incansável, a reconhecer que “o homem define-se, assim, nos termos de uma companhia que implica a própria origem das coisas e está com os outros homens”, pois todos temos o mesmo Deus, que é Pai nosso. “Se este nexos for esquecido, o homem, no conjunto da sociedade, perderá a si mesmo. É, portanto, necessária a incansável solicitação da Igreja, que nos defende, assim, daquele isolamento pelo qual podemos ser tão facilmente instrumentalizados. Somente a religiosidade [...] é limite a qualquer tipo de invasão e instrumentalização, até mesmo a eclesial [e podemos acrescentar: até a de CL, até a dos chefes, dos amigos e dos “sei lá quem”]⁵⁷. Se nós começamos a olhar para o concreto da vida normal, começamos a desmascarar a instrumentalização também naquilo que acontece entre nós.

A Igreja, introduzindo-nos, solicitando-nos a essa religiosidade, nos solicita àquele “antes” de que falamos desde a introdução, àquele “antes” sem o qual escorregamos constantemente nas coisas que devemos fazer. Não, antes de qualquer outra coisa vem o reconhecimento dessa minha origem, do que eu sou, do que é o significado, pois, sem isso, eu não tenho “a posição adequada para enfrentar os problemas humanos”⁵⁸.

⁵⁵ Cf. id., *ibid.*, p. 254.

⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 255.

⁵⁷ Id., *ibid.*

⁵⁸ Id., *ibid.*, p. 257.

III. A posição adequada para enfrentar os problemas humanos

“A Igreja solicita a [...] uma ‘reta postura’ com relação a si mesmo e à existência, convida [...] ao realismo, a agir de forma tal a lembrar como são de fato as coisas”⁵⁹.

Nós nos vemos todos os dias tendo de enfrentar problemas. Os problemas “são o tecido das nossas horas e dos nossos dias”, e existe dentro de nós “o ímpeto a resolvê-los”: a primeira coisa que tentamos é resolvê-los. Qual é a tentação? Pensar que a Igreja, que o Movimento, que a Fraternidade, que os amigos devam resolver os nossos problemas. Mas “a Igreja indica a posição adequada para enfrentar os problemas humanos”, educa você a essa posição para que você se torne protagonista, para que você não seja sempre uma criança, para que cada um de nós se torne protagonista da vida, na maneira de viver todas as circunstâncias. “Se for vivida a consciência da dependência original, que é a verdade primeira e suprema, todos os problemas colocar-se-ão numa condição que facilita mais a sua solução”, afirma Dom Giussani. Isso é que é um amigo! Os outros o são por modo de dizer. Um amigo é aquele que solicita você constantemente à dependência original e o põe, portanto, em condições mais facilitadoras; não é aquele que resolve os seus problemas, não é aquele que lhe dá a receita para sair de determinadas situações. Se lermos essa observação a partir da nossa vida concreta, nos daremos conta do quanto normalmente nós nem prestamos atenção nisso: parece-nos a coisa mais banal, porque a damos totalmente por óbvia, mas é o que mais nos falta.

A Igreja não tem como meta resolver os problemas – os problemas não são resolvidos –, mas pôr “numa condição favorável para que o sejam”⁶⁰. O senso religioso, a religiosidade é a rocha sobre a qual edificar a casa. “Se o homem se colocar na posição certa, poderá enfrentar o problema e procurar resolvê-lo; se não estiver na posição certa [atenção!], enfrentar o problema tornar-se-á complicado”⁶¹. É literalmente assim. Nós, no entanto, pensamos que a religiosidade não tem nada a ver com enfrentar os problemas, que só serve para fazer a meditação de manhã; ou seja, pensamos que é uma premissa que não tem nada a ver com a forma como o meu eu olha e se lança na realidade.

Pensar que o ponto é a relação com o Mistério, a religiosidade, e que essa é a coisa que mais facilita enfrentar qualquer problema: não existe nada mais distante da nossa mentalidade. Basta pensar em quando temos um problema em casa – no casamento, entre o casal –, no trabalho,

⁵⁹ Id., *ibid.*

⁶⁰ Id., *ibid.*

⁶¹ Id., *ibid.*, pp. 258.

no campo afetivo: a última coisa que nos vem à cabeça é que o que falta é essa postura de religiosidade, ou seja, essa relação única com o Mistério, a única que nos permitiria ter a posição adequada. Não negamos a religiosidade, Deus, o Mistério: não, não o negamos, mas Ele está “fora”. Não cabe na nossa mentalidade pensar que, ao enfrentar os problemas, essa religiosidade tenha alguma importância. Observem como nós agimos: conversamos com todo o mundo, fazemos perguntas a uns e outros, fazemos de tudo e mais um pouco, exceto assumir a posição adequada, ou seja, pensar que a posição adequada seja viver a religiosidade. Para nós, essa é a última instância: depois que já fizemos de tudo, nós até chegamos lá, mas é preciso que a situação já esteja realmente muito grave! Isso para dizer como ela está distante da nossa maneira de agir.

Mas Jesus diz: “Em verdade vos digo [vejam só a que texto Dom Giussani nos remete], quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, campos, por causa de mim e do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, durante esta vida, casa, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos [...], e, no mundo futuro, a vida eterna”⁶². Só quem dá essa precedência recebe tudo: tudo lhe é dado, tudo lhe é devolvido. “Quer dizer: a postura certa poderia também significar uma ruptura com o próprio ponto de vista, ou com aquele segmento de vida que se gostaria de agarrar como se fosse tudo, mas, se tal ruptura se realiza, ela gera uma nova verdadeira riqueza, uma nova verdadeira posse das coisas e dos afetos”⁶³. Só se a pessoa dá a precedência a esse amor ao Único que pode preencher o coração; só se a pessoa se dá conta de que o seu eu se realiza somente nessa dependência, nessa relação com o Mistério, que tem um rosto preciso para nós, que é Cristo; só se a pessoa dá precedência a essa experiência de plenitude, poderá ter a posição adequada, o desapego adequado, não como resultado de um esforço seu, mas como consequência do fato de que deixou que Ele entrasse.

Quantas vezes não nos aconteceu nos sentirmos pesados, cansados, termos chegado a um encontro com todas as nossas preocupações, não sabendo por onde começar para enfrentar os problemas, e, sem que se falasse um minuto sequer daquilo que nos preocupava, algo presente provocou em nós uma reviravolta: aquilo nos mudou, voltamos para casa com a vontade de enfrentar tudo com uma postura absolutamente nova. Estas coisas não são fábulas. Não é verdade que Cristo é igual a zero e, portanto, sirva para a vida espiritual mas não para enfrentar a realidade histórica. Só a Sua presença nos põe de volta na posição adequada para retomar as coisas nas mãos, nos põe na posição adequada para enfrentar tudo. É como se Cristo dissesse: “Vejam que vocês não se

⁶² Mc 10,29-30.

⁶³ Giussani, L. *Por que a Igreja*. Op. cit., p. 258.

viram sozinhos, não podem conceder a si mesmos essa postura: vocês só a podem acolher, receber constantemente quando ela lhes é dada. Quando eu preencho o coração de vocês, quando a minha presença é capaz de fazê-los experimentar uma plenitude do outro mundo, então vocês adquirem a posição adequada para olhar para tudo”.

Quando isso falta, diz Dom Giussani, os problemas “se alteram entre as nossas mãos”⁶⁴. Não é a “vida espiritual” que se altera, são os problemas! Os problemas se alteram entre as mãos: crescem, se complicam. O motivo pelo qual se alteram “é que nós não estamos orientados para a nossa origem, caso contrário teríamos um olhar que faria emergir daqueles problemas o lado que permite construir, ou um olhar que nos faria aceitá-los, ou, enfim, um olhar que, dirigido a nós mesmos, nos faria encontrar a força para pedir ajuda. Seria, de fato, um olhar dirigido a Algo maior do que cada um dos problemas”⁶⁵. O que nos põe na posição adequada é justamente isto: que exista Alguém que nos atrai tanto para dentro de Si, para o lugar da Sua presença, que a pessoa, ficando ali, se vê diferente, não porque enfrente o problema específico com que tem de lidar, mas porque se introduz algo outro, que a põe na posição adequada para olhar para esse problema.

IV. Os problemas do homem

Só assim podemos enfrentar os problemas do homem, que são, como observa Dom Giussani, a cultura, o amor, o trabalho, a política. “Cada uma dessas categorias agrupa em si as diferentes facetas dos obstáculos e das problemáticas que o homem tem de enfrentar no seu caminho”⁶⁶. E acrescenta: “Se a Igreja proclamasse como seu objetivo o de apresentar as soluções para o esforço humano de promoção, de expressão, de busca, faria, para voltar à imagem da mãe que acabamos de evocar, como aqueles pais [atenção!] que têm a ilusão de resolver os problemas dos filhos substituindo-se a eles”⁶⁷. É o que muitos de nós fazem: pensam que ajudam vocês, substituindo-os, da mesma forma como vocês pensam que ajudam os outros, tomando o lugar deles. É insuportável!

A função da Igreja, como a função do Movimento, de cada um de nós, não é substituir os outros, pois assim seríamos pessoas iludidas, iguais àqueles pais que pensam resolver os problemas dos filhos fazendo as coisas no lugar deles. Ora, se alguém trata vocês assim, saibam que não é

⁶⁴ Cf. Id., *ibid.*, p. 259.

⁶⁵ Id., *ibid.*

⁶⁶ Id., *ibid.*, p. 260.

⁶⁷ Id., *ibid.*

adequado, e, se vocês se deixam tratar assim, são coniventes. Seja como for, essa não é a função do Movimento. “Seria também para a Igreja uma ilusão, uma vez que deste modo abandonaria a sua tarefa educativa”⁶⁸, diz Dom Giussani. Substituir o outro é faltar à tarefa educativa. É mais fácil fazer pelo outro do que educar! É mais fácil resolver o problema de matemática dos filhos do que acompanhá-los até o momento em eles mesmos serão capazes de resolvê-lo; é mais rápido. Assim, vem uma pessoa e você lhe dá uma receita, em vez de caminhar com ela, pois, para acompanhá-la, você teria de vê-la outra vez, e mais outra, e mais outra. Mas, se agimos assim, a criança – ou o amigo – não aprende, e nós não aprendemos. Se quisermos educar, não podemos fazer dessa forma. Devemos parar de nos enganar e nos perguntar o que realmente nos ajuda. Quando eu peço a um outro que resolva os meus problemas, eu não quero o meu bem; quando protesto e me irrita porque o outro não me dá o que eu peço, ou seja, não resolve o meu problema, eu não quero o meu bem. É uma ilusão, que tem duas conseqüências: “Aviltar a história essencial própria do fenômeno cristão [a natureza do cristianismo é diminuída], [...] empobrecer o caminho do homem [o seu eu é diminuído, a sua pessoa é diminuída]”⁶⁹.

V. A Igreja não tem como tarefa solucionar os problemas humanos

“A Igreja, portanto, não tem como tarefa direta fornecer ao homem a solução dos problemas que ele encontra ao longo do seu caminho”⁷⁰. A sua função “é a educação ao senso religioso da humanidade”, ou seja, à “postura certa do homem diante do real [...], postura certa que constitui a melhor condição para encontrar respostas mais adequadas para essas interrogações”.

Mas é impossível educar sem passar pela liberdade. A solução não pode “ser subtraída à liberdade”. A pessoa que toma o lugar do outro subtrai a liberdade dele. Se nós substituimos os outros, eliminamos a liberdade deles. É como se “a Igreja tivesse de lhes dar uma solução já confeccionada”. Nós também muitas vezes vamos pedir uma solução já confeccionada, pronta, mas isso nunca será o carisma; assim como fornecer soluções prontas jamais será a tarefa da Igreja. Dom Giussani cita esta passagem do Evangelho, que é muito ilustrativa. Dois irmãos, que brigavam pela herança, vão até Jesus, e um dos dois lhe diz: “Mestre, dize ao meu irmão que reparta a herança comigo.” Jesus respondeu: ‘Homem, quem me en-

⁶⁸ Id., *ibid.*, p. 261.

⁶⁹ Id., *ibid.*.

⁷⁰ Id., *ibid.*, p. 262.

carregou de julgar ou de dividir vossos bens?“. Mas não é tudo, pois Jesus dá a eles o critério para percorrer o caminho: “Atenção! Tomai cuidado contra todo tipo de ganância, porque, mesmo que alguém tenha muitas coisas, a vida de um homem não consiste na abundância de bens”⁷¹. Jesus não resolve o problema, dá a eles o critério para que assumam a posição adequada, para que eles mesmos possam resolvê-lo. Ele não aceita o papel que esses dois irmãos querem lhe assinalar. Talvez os dois tenham ficado um pouco desconcertados. Deve ter sido como ouvir: “Virem-se!”, depois de ter pedido: “Mestre, nos dê uma mãozinha!”. Mas, na realidade, Jesus dá a eles o critério para que possam encontrar a posição adequada para resolver por si mesmos o problema, e não aceita o papel que os dois lhe querem atribuir. Muitas vezes, as pessoas nos pedem soluções, e lá estamos nós, que somos “caridosos”, prontos para responder; mas isso não é caridade: não é caridade, pois nós os substituímos. A questão não é ficar sem dizer nada: é preciso sugerir o caminho que o outro deve percorrer para encontrar a resposta. Só assim o homem cresce, só assim é educado (“Não deixo você sozinho, mas também não tomo o seu lugar”). Isso, muitas vezes, nos parece muito pouco; nós queremos uma resposta pronta e os outros também nos pedem uma resposta pronta.

VI. As facilitações da liberdade corretamente colocada

“Não é, todavia, igual a zero a função de Cristo e da Igreja”⁷², mesmo que tantas vezes nos pareça ser assim, o que nos faz querer ir além dessa posição, passando por cima da liberdade, tomando o lugar dos outros. Sendo que nos parece pouco, nós queremos chegar mais rápido e acabamos tomando o lugar deles. Não! “Não é, todavia, igual a zero a função de Cristo e da Igreja.” O chamado de atenção de Cristo, da Igreja, não é “a fórmula mágica para evitar mecanicamente” certas atitudes erradas ou qualquer outra coisa: chamar a atenção para a religiosidade “é o fundamento para que a solução seja mais facilmente humana”. Não existe um método que possa evitar certos riscos (um método com o qual, por exemplo, os pais possam evitar que os filhos corram riscos). Diante dos nossos colegas, dos jovens, dos universitários, dos adultos, devemos apresentar constantemente o fundamento para que a solução seja mais facilmente humana. Isso nos parece muito pouco. No entanto, “é o início de uma construção, não é tudo”, pois passa pela liberdade, que é “o sintoma essencial de uma solução humana”⁷³.

⁷¹ Lc 12,13-15.

⁷² Giussani, L. *Por que Igreja*. Op. cit., p. 264.

⁷³ Id., *ibid.*, p. 265.

VII. O trabalho de cada homem

O trabalho de cada homem é procurar ele mesmo a solução; a solução é a tarefa de cada homem. “Deus não obriga o homem a ser si mesmo, se o homem não o quer. [...] Incita-o a isto, convida-o continuamente”⁷⁴, mas não o impõe a ele. Se o homem aceita, diz Dom Giussani, fazendo uma observação belíssima, “se enfrentamos sinceramente aquela condição para a qual a Igreja solicita, não demoramos a experimentar uma energia e uma altivez no trabalho com uma intensidade toda especial”⁷⁵. Se aceitamos esse desafio, são despertadas mais uma vez em nós todas as energias que temos por dentro. Quando oferecemos a solução pronta, em vez de despertar todas as energias – o que faz o eu despontar e se tornar protagonista –, o homem fica atrofiado. Por isso, é uma ilusão.

O resultado da educação é o aparecimento de todas as minhas potencialidades, de modo tal que eu me torne protagonista, que eu tenha o gosto de ser protagonista; o oposto é haver alguém que, ao me responder, tome o meu lugar, não me desafie, não faça desabrochar todo o meu eu, com todas as minhas possibilidades. A Igreja nos propõe, portanto, “esta afirmação absoluta e intransigente de religiosidade”⁷⁶. Ela não é abstrata, porque é “fundamento de uma construção que cabe a cada um de nós”⁷⁷. A Igreja nos educa de verdade, nos permite entrar cada vez mais na realidade como protagonistas. Esta foi a coisa que me fascinou: eu me dei conta da novidade que entrava na minha vida porque me tornava protagonista. Esses foram os primeiros sintomas da novidade que me fascinou. Por isso, eu me afeiçoei a este caminho, que não terminou desde então, que me fascina cada vez mais, pois antes eu não era assim. Aquilo que se fez encontro para mim me permitiu despontar com todas as minhas capacidades, pôr-me em jogo de uma maneira que eu nunca havia pensado antes. Esse é o resultado deste trabalho educativo, se nós aceitamos o desafio. Se o recusamos, talvez nos poupemos alguma passagem trabalhosa, mas não nos desenvolvemos, continuamos atrofiados.

VIII. A religiosidade nunca será integralmente vivida na história

A religiosidade nunca será plenamente vivida na história. É por isso que temos o sacramento da penitência, para recomeçar sempre. A vida é essa luta, e, sem a misericórdia que nos faz recomeçar, uma hora a pes-

⁷⁴ Id., *ibid.*, p. 266.

⁷⁵ Id., *ibid.*

⁷⁶ Id., *ibid.*, p. 267.

⁷⁷ Id., *ibid.*

soa deixaria de lutar. A imagem da vida que Dom Giussani nos propõe é, então, a de uma tensão, um “tender para”.

IX. A tensão moral do cristão

Mas a proposta da vida como tensão, se pensamos nisso um instante, é justamente a que mais coincide com o nosso eu. Na realidade, é como se dissessem: “Seja leal com essa tensão que encontra em você mesmo”. A Igreja incita sempre a essa tensão que está no fundo do ser de cada um de nós.

A vida é um caminho. O homem cristão é *homo viator*. E, quando a pessoa caminha, “o sinal experimental” desse caminho é a paz. “A tensão para afirmar o real segundo o olhar de Cristo é o fundamento da paz”⁷⁸.

“O sujeito humano”, portanto, “é colocado por ela diante dos problemas numa postura adequada à sua humanidade e ao seu destino. E nisso ele é chamado a aplicar a sua liberdade, e portanto o seu trabalho. Com a consciência de que a sua caminhada é uma tentativa, passível de correção, e de que a sua liberdade é frágil e precisa de perdão, a partir do qual pode sempre retomar”⁷⁹.

⁷⁸ Id., *ibid.*, p. 273.

⁷⁹ Id., *ibid.*

Terça-feira, tarde
28 de agosto de 2007

ASSEMBLÉIA

Depoimento. Você disse que “é mais fácil fazer pelo outro do que educar”. Nós vivemos um tempo em que educar parecia tomar o lugar do outro (falo da experiência dos colegas do Movimento). Agora, parece que nos estão pedindo um passo atrás. Mas com isso não corremos o risco de deixar o outro sozinho na sua decisão? O que significa ser uma companhia para ele? Qual é o espaço da obediência, nesse jogo da liberdade?

Carrón. Essa é uma pergunta que revela a dificuldade que nós temos para entender um relacionamento. É uma dificuldade quase cultural, de séculos: parece que só podemos afirmar uma coisa sempre e apenas à custa de uma outra. Exemplifico. Houve um tempo em que se pensou que para afirmar Deus fosse preciso eliminar o homem. Depois, veio o ateísmo: para afirmar o homem, é preciso eliminar Deus. E assim por diante. Essa é a história do Ocidente: para afirmar uma coisa, é preciso eliminar outra; uma coisa só se afirma à custa de uma outra; se falamos de educação, para afirmar o educador é preciso eliminar o educando. E, se alguém diz que não podemos tomar o lugar do outro, não sabemos mais o que fazer como educadores: parece-nos que temos de dar um passo atrás, o que é absolutamente errado.

Então, de onde partir? É preciso partir de uma experiência na qual eu posso reconhecer e afirmar a presença de um outro não à custa do meu eu, mas como plenitude do meu eu. Quando eu me apaixono, eu me dou conta na relação afetiva de que eu sou mais eu mesmo justamente porque o outro existe. Sem o outro, eu não adquire a minha plenitude. Por isso, o outro não deve se retirar, deve ficar ali com toda a sua pre-

sença, com toda a sua excepcionalidade, com toda a sua beleza, com toda a sua simpatia, com toda a sua humanidade, com todo o seu fascínio, justamente para que eu seja eu. Foi assim que o Mistério entrou na história. Esse – a partir dessa experiência tão natural – é o mesmo método que Deus usou para se tornar uma companhia para nós.

É o que é documentado permanentemente na Bíblia: o Mistério não entra na história para eliminar o homem. Ao contrário, a presença do Mistério na história é aquilo que faz desabrochar o eu. Há alguns anos, Dom Giussani nos falou do chamado de Abraão como origem do “eu”⁸⁰: é o Mistério que entra na história que faz surgir o eu. E isso adquire a sua expressão máxima na Encarnação. A presença de Jesus não se afirmava “à custa” da dos discípulos: a excepcionalidade d’Ele fazia os discípulos terem uma experiência do eu deles que nunca poderiam ter imaginado antes, que nem teriam sonhado.

É a mesma experiência que nós fizemos com Dom Giussani. Conosco, Dom Giussani nunca se retirou e nunca deu um passo atrás (ainda bem!): será que percebemos isso como uma substituição, como algo que nos eliminava, ou foi justamente a presença dele, a sua excepcionalidade, o fato de se apresentar constantemente com toda a sua genialidade, com toda a sua humanidade, com todo o seu fascínio, com toda a sua atração, que gerou um povo como o nosso? Não é como nós pensamos, devemos nos corrigir. Sem uma humanidade, sem uma presença que se imponha totalmente, não há educação, não é possível gerar um eu. Muitas vezes, porém, sendo que nós não somos realmente presença, substituímos isso pelo poder e pelos manuais de instruções. Quem é presença não precisa nem de poder nem de manuais de instruções: basta que se apresente.

A questão, portanto, é que nós devemos aprender uma concepção diferente de nós mesmos: não mais como poder, mas como presença, como uma presença que desperta, que é capaz de fascinar, de suscitar o eu do outro. Sem isso, não há educação. Se quisermos educar responsáveis, não podemos fazê-lo dando manuais de instruções, mas nos tornando mais nós mesmos, na medida em que obedecemos a algo que nos suscita, que nos gera, de modo tal que a modalidade com a qual vivemos tudo, com a qual enfrentamos a vida, com a qual repousamos ou entramos na realidade fascine tanto que o outro tenha interesse em não perder isso.

Isso é ser companhia uns para os outros, o resto são mentiras, pois aquilo de que você precisa e de que eu preciso é uma presença. Não é preciso que você seja diminuído, que você se atrofie: o que é necessário é uma novidade em você, é uma potência em você, uma excepcionalidade em você, que me toque. Por isso, é necessária a obediência àquilo

⁸⁰ Cf. Giussani, L. “Carisma e história”. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 16, março de 2001, p. 36.

que nos gera, pois aquilo que nos gera é que desperta outra vez a minha liberdade e a liberdade do outro. É isso que está em jogo. Ou nós, que estamos aqui e temos uma responsabilidade, aprendemos isso, ou inexoravelmente os manuais de instruções tomarão a frente.

Depoimento. É verdade que o apelo à religiosidade nos parece algo de pouco valor. Normalmente, para nós, dos Estados Unidos, a religiosidade é entendida como sermos espirituais, sentimentais ou pietistas, etc., algo que nos leva para fora da realidade. Então, nos ajude a entender melhor o que é a religiosidade e como ela nos leva para dentro da realidade.

Carrón. A primeira coisa que devemos entender é o que a religiosidade é, pois, se a religiosidade é sermos “espirituais”, sentimentais e pietistas, então não tem nada a ver com a realidade. Mas, se a religiosidade é a exigência de totalidade do eu, se é a consciência das nossas perguntas constitutivas, podemos começar a surpreender na experiência aquilo que desperta outra vez essas perguntas, a exigência de totalidade que temos em nós. Aí, a pessoa começa a entender que o que desperta uma vez mais a religiosidade é justamente o real. Essa é a grande genialidade de Dom Giussani, à qual fomos educados por meio do capítulo X de *O senso religioso* (que ainda temos dificuldade para entender como ponto chave da nossa maneira de pensar). Ele diz ali que, para sermos religiosos, é preciso que vivamos intensamente a realidade: é a realidade que nos maravilha, que nos enche de maravilhamento, e que, por isso, mediante toda a sua atração, nos desperta sempre outra vez as perguntas últimas, reaviva em nós a exigência de totalidade.

E a realidade pode ser bonita ou feia. Não é que quando a pessoa tem uma doença essas perguntas não são despertadas com toda a sua força. Não é só a beleza das montanhas que as desperta sempre de novo. Uma doença, minha ou da pessoa mais querida, faz que elas venham à tona; aliás, de maneira dramática. É a realidade que traz à tona toda a exigência de significado que temos na nossa relação com tudo. Por isso, podemos dizer que, sem a realidade, sem a relação com a realidade, não existe religiosidade. Não é que de um lado está a religiosidade e, do outro, a relação com a realidade: sem a realidade, não existe religiosidade, não existe o eu.

Mas deixar-se despertar outra vez pela realidade significa não ficar na aparência. Se ficamos na aparência, cedo ou tarde a realidade não nos interessa mais. Todos nós temos experiência de quantas vezes coisas que antes provocavam o nosso interesse, com o tempo, perderam o seu fascínio, a sua capacidade de nos interessar. A realidade desperta a religiosidade na medida em que eu me deixo conduzir até o fundo último dela. Por isso, Dom Giussani, nesse capítulo, não se detém no

maravilhamento inicial, que com o tempo não se sustenta (tenhamos à nossa frente Dante ou qualquer outra coisa). Devemos ter cuidado: se não fizermos todo o percurso até o surgimento da realidade, até o Tu, a realidade cedo ou tarde não nos interessará mais, e isso acontece com as coisas que mais nos atraem, mesmo nas situações em que a atração é mais forte, como no amor: se não chegamos até lá, com o tempo não agüentamos nem a esposa. Que mistério! A questão, portanto, é ir até o coração da realidade, até o fundo último da realidade, até o Tu que a faz surgir. Sem chegar lá, cedo ou tarde o interesse decai.

Ao contrário, quando chego a reconhecer esse Tu que fascina o eu, que o desperta sempre outra vez, toda a realidade, até o menor dos detalhes ou a coisa aparentemente mais insignificante, assume um interesse para mim: “No âmbito da experiência de um grande amor, todas as coisas se tornam um acontecimento”⁸¹, tudo! Se não chegamos ao reconhecimento do Tu, no fundo nada continua a ser atraente. Em outras palavras, sem religiosidade, sem ir até o coração da realidade, tudo é asfíxiante, tudo é decepcionante, até as coisas mais belas, porque o que realmente me atrai é o fundo, o Mistério que existe no fundo das coisas. Se nós eliminamos o Mistério da realidade, cedo ou tarde a realidade não nos interessa mais. É uma dinâmica inexorável. Mas nós queremos entender essa dinâmica de dentro de uma outra dinâmica, para recomeçar constantemente dali. Do contrário, tudo se torna moralismo, e por isso cedo ou tarde iremos para casa decepcionados e cansados. De fato, não pode ser um moralismo o que desperta constantemente de novo o meu eu, não pode ser uma energia minha: eu não a tenho, ela deve ser permanentemente despertada por uma Presença que está diante de mim. E foi para isso que Cristo veio.

Por isso, viver a religiosidade nos leva para dentro da realidade, para o coração da realidade. Ir até o fundo da realidade é aquilo em que consiste a verdadeira religiosidade, ou seja, a abertura à totalidade que define o homem. Dá para entender, então, a importância da obstinação de Jesus sobre a questão da religiosidade: sem a religiosidade o eu não respira, sufoca, e cedo ou tarde a realidade não lhe interessa mais, decai como interesse. Jesus não vem nos tornar um pouco mais devotos, um pouco mais “religiosos”, no sentido em que falamos antes (espirituais, sentimentais, pietistas). Não! É a realidade, é a vida que está em jogo. Essa é a maneira de entender a religiosidade que a graça do carisma nos trouxe. Se não quisermos perder isso, devemos nos tornar cada vez mais filhos. Do contrário, com o tempo nem essas coisas nos interessarão.

⁸¹ Cf. Guardini, R. *Lessenza del cristianesimo*. Brescia, Morcelliana, 1980, p. 12.

Depoimento. Há cerca de dois meses e meio moro em Boston com minha família e trabalho no hospital de Harvard, provavelmente uma das melhores universidades do mundo. E é verdade que viver definido pela relação com Algo maior, com o Mistério, é uma novidade, uma revolução. Quando, lá, eu vivo essa relação com o Infinito, me vejo livre da medida que as pessoas com quem trabalho têm sobre mim: eu fico mais contente, e elas se dão conta disso. Foi dito aqui que permanecer nessa posição é possível graças a um amor que vem antes, a uma piedade presente agora. Na palestra também se disse que essa misericórdia e esse chamado à relação com o Mistério são a finalidade da Igreja. Às vezes, porém, a proximidade que a Igreja e o Movimento têm da minha vida parece pequena, e eu quase sufoco por isso. Que tipo de trabalho e de responsabilidade essa situação implica para mim?

Carrón. O que é que você faz quando a situação da Igreja e do Movimento é diferente de como você gostaria que fosse? A realidade nos educa. Você se dá conta (e isto é um bem para todos, pois muitos de nós passam por essa situação, como você agora, de não terem as pessoas ao seu lado, de estarem sozinhos; nos Estados Unidos, muitas vezes, a pessoa do Movimento mais próxima mora a quinhentos quilômetros), você se dá conta de que, se não fosse possível também lá viver aquilo que encontramos, poderíamos ir todos embora para casa. Então, qual é o tipo de trabalho e de responsabilidade nessa situação? Você agora tem uma oportunidade espetacular, que é a de fazer lá a verificação daquilo que encontrou aqui. Como? A prova da experiência que você fez aqui – na forma como você encontrou a Igreja na Itália – é como você vive agora a realidade.

De que forma a realidade vem ao seu encontro? De que forma, agora, o Mistério o alcança? Por meio da circunstância em que você está. A circunstância é a forma como o Mistério chama você (o nome disso é vocação, é a vida como vocação), por isso essa circunstância é a oportunidade que lhe é dada para reconhecer o Mistério. Se você O reconhece, como disse no início, fica livre e contente. Qualquer que seja a circunstância, mesmo em Harvard, sem ninguém ao seu lado, nada pode impedir que você O reconheça lá e que você, lá, possa experimentar esse contentamento e essa liberdade. Isso é decisivo para você, pois, então, você pode ir a qualquer parte, tem tudo aquilo de que precisa para viver, tudo é oportunidade para esse reconhecimento do Mistério que o faz ser livre e contente.

Qual é a sua responsabilidade? Responder ao Mistério que o chama por meio da circunstância. É a mesma responsabilidade que eu tenho todos os dias: diante de qualquer encontro, de qualquer reunião, eu posso ficar lá parado, esperando que acabe, ou posso estar ali com toda

a minha pessoa, procurando responder à forma pela qual o Mistério naquele momento está me chamando. Qual é a diferença entre você, que está lá, e eu, que estou aqui? Nenhuma. Você, lá, pode responder e eu, aqui, posso não responder; não é automático que eu, pelo fato de estar aqui, responda; posso também não responder; e você, lá, pode responder ou não responder. Do que é que isso depende? Da liberdade. O ponto não é a condição mais ou menos favorável. A partir do que nos aconteceu, podemos reconhecer que toda a realidade fala d'Ele e tudo pode ser oportunidade de relação com Ele: "A realidade é Cristo"⁸², diz São Paulo. Se você responde, poderá ver a vitória de Cristo lá. Como? Numa letícia, numa liberdade, e isso fará que você comece a tornar a Igreja presente onde você está, qualquer que seja a situação.

Ninguém o impede, lá, de responder ao Mistério, como também ninguém me garante, aqui, diante de todos vocês, que eu vá fazer isso. E isso é fascinante, pois ninguém pode pensar que algo lhe é poupado pela situação favorável ou "desfavorável" em que se encontra. Todos somos postos diante da forma como o Mistério nos chama, e a pessoa pode responder ou não. Quando responde, vê o que acontece; e isso que você experimentou é uma esperança para todos, pois cada um de nós será cada vez mais chamado a viver a fé, a viver o que nos aconteceu, num mundo que parece se distanciar. O nosso número, por exemplo, poderia ser cada vez menor: por acaso isso impediria você, numa situação como essa, de viver o que dissemos? Nós não dependemos do número, não dependemos de ter o grupinho ao nosso lado, pois mesmo com o grupinho a um metro você poderia não responder à circunstância e ficar sufocado (muita gente, com a Fraternidade ao seu lado, vive sempre incomodada). Se os grupos de Fraternidade, as Escolas de Comunidade, os amigos, etc., não são uma ajuda para a minha responsabilidade, não servem para nada; quando são, mesmo que eu naquele momento esteja sozinho, a companhia me constitui. Você não poderia viver lá como vive, se não fosse constituído pela companhia que o gerou. Você não está sozinho, está dentro da companhia que o gerou. O seu eu é gerado por essa companhia; por isso, mesmo que você esteja sozinho, está em companhia.

Portanto, lá, você pode viver ou sufocar. De que é que depende isso? Da maneira como você responde à forma como o Mistério o chama, a essa circunstância vocacional em que o Senhor o põe. O caminho é apaixonante: é uma aventura sem rede de proteção, mas é a possibilidade única de ver a vitória de Cristo, que não depende do "a união faz a força", como muitos pensam, mas da resposta à forma como o Mis-

⁸² Cf. Cl 2,17.

tério me chama. Essa é a nossa laicidade. Por isso, nós podemos viver em qualquer situação, não importando qual seja a situação da Igreja naquele lugar. É uma oportunidade para todos, até para a China.

Depoimento. Como eu posso saber que estou substituindo a liberdade de alguém?

Carrón. Você sabe que está substituindo a liberdade de alguém quando vê que o outro não cresce, não se desenvolve. Como é que um pai e uma mãe podem ver se estão se substituindo aos filhos? Eles vêm isso pelo fato de os filhos serem cada vez mais encolhidos, cada vez mais amedrontados no impacto com a realidade, com uma iniciativa cada vez menor; isso significa que a presença deles não é capaz de gerar a liberdade, de despertar a pessoa. Eu vejo que substituo os outros pelo tipo de sujeito que é gerado. Se é verdade que quando as pessoas crescem, quando desabrocham como “eu”, têm cada vez mais vontade de entrar em combate, de participar da aventura da vida, ao contrário, quando alguém as substitui, todas voltam para o “convento”. Podemos viver a responsabilidade pelos colegas do Movimento, por exemplo, procurando despertar sempre de novo as pessoas, de maneira que entrem na realidade, ou criando para elas um oásis ou um forte no meio dos índios. Devemos decidir se queremos correr os riscos da aventura de educar ou simplesmente satisfazer a exigência de ter um grupinho de soldadinhos ao nosso redor: a segunda coisa não tem interesse nenhum, nem mesmo como desafio para nós; a outra, sim. Educar é toda uma aventura.

Depoimento. Se o senso religioso é um dado que encontramos em nós, por que precisamos de uma educação para ele?

Depoimento. Outras pessoas também vivem naturalmente, de maneira natural, a aceitação da realidade como um dado. Em que é que a Igreja se torna determinante e útil?

Carrón. É a mesma pergunta, dita de duas maneiras. O senso religioso é um dado que encontramos em nós, despertado constantemente de novo pela realidade. Por isso, é verdade que alguém pode levantar a pergunta: se é assim, por que é necessária uma “educação”? É uma questão na qual Dom Giussani nos acompanhou e que esclareceu, pois esse dado que encontramos em nós não é simplesmente algo que permanece espontaneamente na sua condição original de abertura. Nós o vemos na curiosidade das crianças, na abertura total das crianças, que nelas é espontânea; com o tempo, nos adultos, ela

vai pouco a pouco decaindo. É verdade que é um dado, mas, se não é educado constantemente, decai, justamente pelo motivo de que falávamos antes. Em outras palavras, sem uma relação com a realidade que nos desperte constantemente, a nossa exigência de significado, de totalidade, de satisfação, define. De fato, nós conhecemos um monte de gente cética, para a qual as coisas interessam cada vez menos. Por isso, precisamos sempre de uma educação: a espontaneidade não é suficiente.

Essa educação é a missão da Igreja. Ela é necessária porque, sem a solicitação constante feita por um lugar preciso – a Igreja –, o senso religioso humano decai permanentemente em idolatria, ou seja, se fecha, afirmando algo particular como significado total. O senso religioso natural é abertura à totalidade, mas, para manter essa abertura original, é preciso haver uma presença que constantemente reabra em nós a ferida da totalidade. Cristo era necessário por isso. Sem Cristo, o homem acaba por afirmar como Mistério um aspecto particular, uma vez que não é possível manter por muito tempo a posição vertiginosa do homem religioso.

Mas isso não diz respeito apenas ao homem religioso natural, diz respeito também a nós: se não fôssemos constantemente despertados por uma presença, mesmo “depois de Cristo”, sucumbiríamos à idolatria como todo o mundo, tendo o nome de Cristo, o nome da Igreja, ou não tendo o nome de Cristo, o nome da Igreja. O homem não pode deixar de afirmar “algo” como significado último de si e da realidade, e, se não é constantemente despertado de novo, acaba sempre por afirmar um aspecto particular (é a dinâmica do “ídolo”). O que nos impede de decair, de sucumbir nessa dinâmica? Olhem para a história recente: onde foi que acabaram todos aqueles grupos das décadas de 1960 e 1970 que tinham, ao menos aparentemente, esse senso religioso natural? Com o tempo, todos foram se sentar na poltrona do poder, afirmando um aspecto particular (o “ídolo”). Por que nós, ao contrário, estamos aqui? Somente graças a um fator da realidade: ele se chama Dom Giussani. Sem uma presença histórica, real, nós seríamos como todo o mundo. Os outros também reconhecem isso. Se não fôssemos sustentados constantemente por uma presença real, nós sucumbiríamos à mesma dinâmica dos outros. Peçamos então ao Espírito que continue a manter vivo entre nós o carisma que nos fascinou: é a única possibilidade para nós de não sucumbirmos, do contrário a data de validade logo, logo vai vencer.

Depoimento. “A irredutibilidade da pessoa em vista do reino de Deus”, o que isso significa no trabalho ou ao guiar uma obra?

Carrón. Eu lhe agradeço por essa pergunta. Aprofundar o sentido de uma obra, para nós, neste momento, é fundamental.

A primeira questão é que uma obra – como sempre ouvimos de Dom Giussani – é expressão do eu, nasce de uma pessoa que diz “eu”, que se põe diante da realidade e, vendo uma necessidade, começa a agir para responder a ela. Uma obra é a resposta a uma necessidade que aparece no horizonte da nossa vida.

Nós logo nos damos conta de qual é a natureza do eu que faz a obra pela forma como ele concebe a natureza da necessidade à qual, com a obra, procura responder. É aqui que começa a se ver a diferença. De fato, ao menos como tentativa, todas as obras procuram responder a uma necessidade. Onde é que está a diferença? Ela está em primeiro lugar na forma como o eu percebe a natureza da necessidade.

Aqui se vê toda a diferença de Jesus. Ele fez uma obra; vendo a necessidade dos homens, teve piedade do nosso nada, e agiu para fazer uma obra. “Compadeceu-se deles, porque estavam todos perdidos, como ovelhas que não têm pastor”⁸³. E qual é a necessidade a que respondeu? Estavam doentes, tinham fome, tinham medo, precisavam de perdão. Ao responder a tudo isso, Jesus entendia, estava consciente – em virtude do que dissemos nestes dias, em virtude da Sua consciência do mistério do eu – de que não bastava responder à fome. A diferença d’Ele, a diferença da obra d’Ele foi justamente esta: não procurou apenas responder à fome, mas procurou responder a uma outra fome também, pois “não só de pão vive o homem”⁸⁴. Por isso, depois de ter respondido à necessidade inicial da fome material, falou a eles da Eucaristia. Ele sabia qual era a verdadeira necessidade do homem.

É necessário um eu que, fazendo a obra, não reduza a necessidade, não reduza a resposta à necessidade. Pela forma como nós respondemos à necessidade, pela forma como geramos a obra, se vê qual é a percepção do Mistério que nós temos, se vê o alcance da familiaridade que nós temos com o conteúdo dos Exercícios deste ano. Os Exercícios não são a espiritualidade, enquanto a obra é a prática, como nós normalmente pensamos (primeiro vem a teologia e depois eu respondo à necessidade): esse é o dualismo de que estamos embebidos até a medula dos ossos. É necessário um eu que não reduza a necessidade. Mas, para que eu não reduza a necessidade, para que quando olho para um outro eu não o reduza, é preciso que eu não seja reduzido, é preciso que o meu eu não seja reduzido. Se eu me dou conta de qual é a minha necessidade, não serei tão ingênuo a

⁸³ Cf. Mt 9,36.

⁸⁴ Cf. Mt 4,4; Lc 4,4.

ponto de pensar que, respondendo apenas parcialmente à necessidade do outro, eu responda de verdade ao outro.

Devemos ter muito cuidado com isso, pois hoje em dia nós podemos ser muito bons para executar projetos, aprendemos muito bem. A Avsi (Associação de Voluntários para o Serviço Internacional; *nde*), para dar o exemplo de uma obra, pode ser ótima para executar projetos e, sendo que a necessidade não tem limites, pode ter a presunção de responder a essa necessidade sem limites. É aqui que aparece a natureza da obra que nós queremos fazer. Pode ser, por exemplo, que nós consigamos obter os recursos para realizar os projetos, mas, depois, não tenhamos as pessoas. Assim, quando o projeto finalmente entra em contato com os destinatários, nós não estamos lá, não existe aquele sujeito que tem o olhar para a necessidade de que estamos falando. Então, nós fazemos uma ONG como qualquer outra! É isso que queremos fazer? Para mim, isso não interessa. A Avsi é a Avsi, reconhecida internacionalmente, perante o Banco Mundial, perante os organismos internacionais, etc., justamente em virtude da diferença que ela tem. Se quisermos conservar essa diferença, devemos obedecer ao Mistério, e, se pudermos executar apenas cinco projetos porque temos apenas cinco sujeitos que podem realizar uma obra como nós a entendemos, devemos obedecer a isso. Se o Mistério nos quiser dar cem mil sujeitos para executar cem mil projetos, nós executaremos cem mil, mas, enquanto tivermos cinco, executaremos cinco, do contrário seremos presunçosos que pensam que podem responder à necessidade pelo fato de executar projetos cada vez maiores.

Jesus não curou todos os doentes de sua época: aqueles que ele curou, Ele os curou como exemplo, para que por meio dessas curas os homens pudessem entender que havia Alguém interessado na vida deles, que respondia à totalidade da necessidade deles. Por isso, nós não podemos ser reféns da necessidade: se o Mistério quiser que respondamos a mais necessidades, nos dará mais pessoas. Mas em primeiro lugar devemos gerar o sujeito que faz uma obra.

A obra, para nós, é um exemplo. Cheguei a essa percepção rodando pelas nossas comunidades, vendo as nossas obras. Eu queria que vocês todos tivessem visto o que eu vi no *Meeting Point* da Rose, em Uganda. Lá, eu vi qual é o tipo de obra que me agrada, que me entusiasma. Rose, como vocês podem imaginar, não pode responder ao problema da Aids em Uganda (esse problema não tem fim, por isso é impossível respondê-lo totalmente), mas pode levar a esperança do significado a todas as mulheres com as quais começou a se relacionar e das quais cuida. Eu queria que vocês todos tivessem visto uma dessas mulheres com Aids que nos encontrou: ela adquiriu uma dignidade e uma consciência de si que nós, sem Aids, não temos, porque o que

determinava a autoconsciência dessa pessoa não era a doença. Ele mesma dizia: “O que determina a minha maneira de viver diante de mim mesma não é a minha doença, é aquilo que me aconteceu”. Para que aconteça uma coisa como essa, não basta uma ONG qualquer, é preciso um sujeito que – respondendo à necessidade humana gerada pela Aids – comunique a existência de uma resposta à totalidade da necessidade e desperte outra vez a esperança. Isso é uma obra. Por isso, nós não podemos sucumbir à chantagem de querer responder a tudo, devemos estar disponíveis a responder o quanto pudermos, mas sem perder a nossa originalidade, que consiste em nos apresentarmos na situação como “eu”, graças àquilo que nos aconteceu, e em trazer conosco o olhar com o qual fomos olhados, respondendo à necessidade. Sem esse eu, não é possível uma obra no sentido de que estamos falando. Existem muitas obras, mas não são todas equivalentes. A gente fica surpreendida quando encontram certas pessoas numa obra, fica surpreendida com o fato de a obra chegar até essa resposta plena à necessidade. É um belo desafio.

Depoimento. Você disse uma coisa diversas vezes, mas eu não consigo associá-la a uma experiência. Você disse que nós nos defendemos da beleza e não do sacrifício, que resistimos à beleza. Não consigo ver isso. Eu vejo muito bem que resisto ao sacrifício, eu entendo que não enxergo a beleza, mas não entendo quando você diz que nós “resistimos” à beleza: por quê? Por que é que você diz que a beleza nos fere?

Carrón. Isso é realmente misterioso, parece tão irrazoável que nós não nos convencemos. Nós não conseguimos nos convencer de que uma pessoa possa ver, como os fariseus, uma beleza, uma ternura como a de Cristo, um olhar como o d’Ele, e ainda assim resistir; essa é uma coisa misteriosa. Eu sei que temos dificuldade para entender essa coisa, mas não é por isso que não acontece.

Ontem à noite eu contei a vocês do meu aluno que, diante da palavra “Evangelhos”, despertou toda a suspeita que tinha por dentro. Naquela ocasião, eu comecei uma conversa com ele. “Na sua opinião, então”, eu lhe perguntei, “a posição mais adequada diante da realidade é a suspeita?” “É claro que sim, é evidente.” “Portanto”, repliquei, “hoje de manhã, quando sua mãe pôs a xícara de café à sua frente, você disse: ‘Eu não vou beber isso enquanto não o analisar no laboratório.’” O garoto, diante desse movimento, ficou desconcertado. Eu ainda me lembro da expressão dele: “Ora, mas eu vivo com a minha mãe há 16 anos!”, como se eu o tivesse ofendido. Eu disse a ele: “Ah! Então há ocasiões em que a suspeita não é razoável! A que se deve a diferença entre a maneira como você se posicionou diante da xícara de café e a maneira como

encarou a palavra ‘Evangelhos’? Diante da xícara de café, você tem 16 anos de convivência com a sua mãe, e por isso não é razoável ter uma suspeita; diante dos Evangelhos, você não tem nem um minuto de convivência com um fato que lhe permita vencer essa suspeita”.

A coisa mais surpreendente foi o que aconteceu duas semanas depois. Eu estava lendo na sala de aula uma página do Evangelho para que meus alunos entendessem o que aconteceu com quem passava um dia inteiro com Jesus. Por isso, eu falava dos milagres, de quando Jesus ia à Sinagoga, depois curava a sogra de Pedro, e depois acabava curando não sei quantos. Eu queria introduzir aquela página em que Dom Giussani dizia que as pessoas que tinham ficado perto de Jesus, durante dias, semanas, meses, tinham visto essas coisas. Num determinado momento, eu me dirigi à classe e perguntei: “E se vocês tivessem estado entre eles?”. O mesmo garoto respondeu: “Eu teria tomado cuidado, ficaria esperto para não me deixar levar”. A pessoa pode ter decidido a batalha antes mesmo de ela começar! Eu já tinha ouvido Dom Giussani dizer isso, mas não pensava que pudesse encontrar essa postura em carne e osso bem à minha frente. Sem tirar nem pôr. A gente diz: como é possível que alguém consiga resistir à beleza? Parece tão irrazoável! Só por uma espécie de ódio por si mesma, diabólico, nós poderíamos dizer, é que a pessoa consegue resistir. Mas nós temos experiência disso, não somos pobres ignorantes que não conhecem a experiência dessa resistência.

Ao contrário, quando nós cedemos à beleza, não nos preocupamos com o sacrifício. Quando uma pessoa gosta de futebol, mesmo que esteja chovendo ou nevando e a partida esteja sendo transmitida pela TV, ela não resiste: “Aonde é que você vai, não vê que está chovendo?”. “Como assim?! Não é a mesma coisa que ir ao estádio!” O sacrifício não se torna um problema diante da verdadeira beleza. Quando é que o sacrifício começa a vencer? Quando falta o amor, quando falta a paixão. Para uma esposa que tem essa paixão pela pessoa amada, não custa fazer todo o serviço de casa. Nem parece para ela que ela está fazendo um sacrifício; ela faz um sacrifício, literalmente um sacrifício, mas não acha que seja. Quando é que o sacrifício começa a se tornar inimigo, a se tornar pesado? Quando falta o amor. Aí a pessoa começa a jogar na cara do outro tudo o que ela faz; não pelo que ela faz, mas por causa do amor que lhe falta. O problema não é o sacrifício que a pessoa faz, mas o amor que lhe falta: Marta e Maria.

Depoimento. Às vezes, não nos parece que o Movimento seja um chamado de atenção contínuo (por causa do limite dos outros, da comunidade, dos gestos, etc.). Isso às vezes nos faz duvidar do Movimento ou de nós mesmos. Você pode nos ajudar a entender como é

que o Movimento é sempre esse chamado contínuo, apesar de todos os limites?

Carrón. Devemos rever o capítulo anterior ao que usamos ontem na palestra: “O fator humano”⁸⁵. Devemos relê-lo pensando nessa pergunta. O desafio apaixonante que Dom Giussani nos dirige nesse capítulo é: “Julgue se todos os limites que você vê na comunidade são tão grandes a ponto de não existir nela nada capaz de atraí-lo, ou seja, de lhe trazer um bem”. Ora, todos nós fizemos o encontro por meio de pessoas cheias de limites, e o limite delas não foi um problema: o que elas carregavam era muito mais do que o limite que tinham. Se não fosse assim, Cristo teria escolhido um método que por sua natureza seria errado. Mas o que nos escandaliza, talvez, não é que a comunidade tenha esses limites, mas, sim, justamente este método escolhido por Deus: servir-se de homens como caminho para chegar a outros homens, escolher alguns para chegar, por meio destes, a outros. No fundo, nós consideramos esse método errado. Temos de nos decidir: é errado ou não é? É verdade que a minha comunidade, qualquer que seja ela, é tão determinada pelos limites que não existe nada nela capaz de me atrair, e que não me traz o bem que eu procuro? Se nós não vamos até o fundo, como nos ensinou Dom Giussani, até descobrir o ouro na lama, ficaremos sempre ali, paralisados pelo limite dos outros. Mas o limite dos outros é apenas um álbi para nos defendermos do que temos à nossa frente.

Eu sempre dou este exemplo. Se uma pessoa que lhes é querida tem uma doença gravíssima e o único médico que entende dessa doença é um homem odioso e desprezível, vocês ficam bem contentes pelo fato de haver um médico, por mais que seja odioso, que sabe tratar a doença da pessoa que vocês amam! É verdade ou não é? Digam se não é! Devemos encarar as coisas. E isso não se torna um problema. Se nós continuássemos a insistir que é um problema, isso significaria que não amamos a pessoa que dizemos amar e não amamos aquele bem que o médico traz consigo e que nem todo o seu ser odioso pode eliminar. As pessoas simples entendem isso tão bem, que são gratas. E não são gratas ao médico porque ele é odioso, elas lhe são gratas porque ele as curou, e no Natal elas lhe dão um presunto de presente (um “patanegra”). As pessoas da minha cidade fazem isso. E elas não são místicas, não precisam ser superespirituais: precisam ser homens apegados à realidade, ao bem que têm à sua frente, mesmo que esse bem esteja dentro de uma caixa repugnante. Nós devemos ver se dentro dessa caixa existe ouro ou não. E, se não nos decidirmos a ir ao menos uma vez até

⁸⁵ Cf. Giussani, L. “O fator humano”. In: *Por que a Igreja*. Op. cit., pp. 207-247.

o fundo, e não nos libertarmos da objeção, ficaremos sempre ali, paralisados. Mas, atenção: como diz Dom Giussani, essa situação revela de que tamanho é o meu desejo da verdade, qual é a minha posição, o que eu desejo, da mesma forma como, diante do médico odioso, se revela se o que me interessa é a cura da pessoa a quem amo ou não.

Depoimento. Eu fui educado a pensar que Cristo está longe da minha humanidade, e, portanto, também do meu pecado. Sempre tive uma imagem d'Ele como de Alguém fechado num castelo: o castelo é cercado por um fosso e a ponte levadiça não pode ser aberta do lado de fora, por isso eu não sei como entrar. Às vezes, a ponte levadiça desce e eu me pergunto: será que é para mim? Tento entrar correndo, mas vejo alguém mais santo do que eu passar à minha frente.

Carrón. Existe glória para todos!

Depoimento. Aí, eu me escondo entre as moitas! Deixando pra lá a imagem, a minha pergunta é esta: eu preciso ser digno de Cristo? E como superar a certeza absoluta de que a minha fraqueza me fará sempre falhar? O que é que eu devo fazer para superar essa minha sensação de que Ele é intocável?

Carrón. Infelizmente, aquilo que muitas vezes pensamos que é o cristianismo nada mais é que um cristianismo reduzido a ética. Por isso, nós pensamos que Cristo está longe de nós, que nós somos pobres coitados, pecadores. Mas bastaria ler uma frase de São Paulo para entender até que ponto isso é errado: “Quando éramos pecadores, Cristo morreu por nós”⁸⁶. O “antes” de que eu falava é decisivo: não há nenhum pecado que tenha impedido Cristo de se tornar homem, morrer na cruz e perdoar todos os nossos pecados. Como dizia Santo Agostinho na frase que eu citei, Ele não nos amou depois, nos amava já desde o início. Por isso, é mentira que Cristo está longe de nós. Sabemos que nunca somos dignos d'Ele; e isso é o que realmente nos surpreende. Nós, que temos essa mentalidade, que fomos educados, mesmo em nossos países cristãos, nessa mentalidade redutiva do cristianismo, temos dificuldade para entender.

É a mesma dificuldade que tinham no início. A misericórdia que Jesus introduz na história é tão desconcertante que parece injusta aos homens, como demonstra a parábola do filho pródigo. Ela desperta o protesto, a revolta do filho que fica em casa: não é possível que o pai seja tão terno, ame tanto assim o filho que saiu de casa. Jesus conta as

⁸⁶ Cf. *Rm* 5,6.

parábolas da misericórdia, no início do capítulo 15 do Evangelho de Lucas, para responder àqueles que O acusavam de andar com publicanos e pecadores. Essas palavras são a defesa que Jesus faz da sua maneira de se relacionar com os pecadores. Havia uma recusa tão grande, que era preciso defender essa Sua maneira de agir. É como se Ele dissesse: “Deixem disso, eu ajo assim com os pecadores, com os publicanos, porque Deus age assim: aceito aqueles que vocês praticamente já exilaram pelo resto da vida, por causa do tipo de vida que eles tiveram. Para vocês, que agem dessa forma, a minha postura diante deles parece absolutamente escandalosa”. Jesus foi obrigado a defender o seu modo de agir, essas parábolas são uma defesa da sua maneira de se relacionar. É por isso que Jesus diz: “Bem-aventurado aquele que não se escandaliza por causa de mim, por causa dessa minha maneira de abraçar a todos”⁸⁷. É algo tão diferente, que nos escandaliza, que nos parece um escândalo: não é possível uma coisa dessas! Parece-nos injusto.

Portanto, não nos devemos preocupar com a fraqueza, porque é inevitável que sempre falhemos, que sempre falharemos. Deixemos isso por conta Ele: é Ele que tem a “pretensão” de ser misericórdia. O que nos é pedido, seja qual for a nossa fraqueza, seja qual for o nosso mal, seja qual for a situação, é apenas que cedamos à Sua presença quando Ele vem ao nosso encontro. Isso nos livra de preocupações inúteis. A única verdadeira questão é ceder à ternura de Cristo, que vem ao meu encontro. Essa é a verdadeira moralidade. Jesus, com isso, introduziu uma moralidade nova, um conceito de moral diferente. A moralidade é essa abertura, que pode existir – como abertura – naqueles que estão cheios de pecados, como os publicanos, ao passo que pode não existir naqueles que dizem ser coerentes, como os fariseus. Atenção, ninguém disse que ser mais coerente é uma condição mais favorável para ser cristão. Ninguém disse isso: sempre haverá fariseus para nos fazer entender isso.

⁸⁷ Cf. *Mt* 11,6.

*Quarta-feira, manhã
29 de agosto de 2007*

SÍNTESE

Julián Carrón

Quem és Tu, ó Cristo, que mais uma vez teve piedade do nosso nada, tomaste a iniciativa perante cada um de nós e Te tornaste presente com toda a Tua força entre nós? Poderíamos estar perdidos como todo o mundo, poderíamos ter vindo até aqui e não ter acontecido nada: o que aconteceu nestes dias não é óbvio, é um acontecimento que acontece agora. No meio de tantos homens perdidos, que vivem na confusão, neste momento da história, nós tivemos a graça de ter visto um acontecimento reacontecer diante dos nossos olhos, vimos mais uma vez a preferência única do Mistério por cada um de nós.

Foi impressionante – se a distração não nos venceu – rezar o salmo hoje de manhã com essa consciência: “Haverei de retirar-vos do meio das nações, haverei de reunir-vos de todos os países, e de volta eu levarei todos vós à vossa terra”⁸⁸ – não no passado, agora! –; “haverei de derramar sobre vós uma água pura, e de vossas imundícies sereis purificados; sim, sereis purificados de toda a idolatria”. Só Ele, com a Sua força, reabre a partida; só Ele, com a Sua força, nos liberta dos nossos ídolos, nos quais necessariamente, inexoravelmente, cairíamos de novo, se a Sua força não continuasse a manifestar-se entre nós. Quando isso acontece, como todos nós vemos, é uma novidade que entra no íntimo do nosso eu. Estas não são simples frases: “Dar-vos-ei um novo espírito e um novo coração”. Cada um pode olhar para o tipo de novidade que entrou na sua vida nestes dias. “Tirarei de vosso peito este coração de pedra”: se nós também viemos até aqui com um

⁸⁸ Ez 36,24-28. Laudes da quarta-feira. In: *O livro das horas*. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2003, pp. 81-82.

coração de pedra, agora voltamos para casa com um coração de carne – “no lugar colocarei novo coração de carne” –, comovidos pelo que vimos mais uma vez. “Haverei de derramar o meu Espírito em vós, e farei que caminheis obedecendo a meus preceitos, que observeis meus mandamentos e guardeis a minha Lei”. Como é diferente ler, recitar o salmo, rezar o salmo, não como algo do passado, mas como algo que acontece agora! Quando acontece, eis a conseqüência: “E havereis de habitar aquela terra prometida, que nos tempos do passado eu doei a vossos pais, e sereis sempre meu povo e eu serei o vosso Deus!”. Justamente por entrar na história, entrar na nossa vida e se tornar presente aos nossos olhos, Deus nos atrai, nos reúne, nos faz sair dos nossos túmulos, dos nossos ídolos, e nos faz “um”, nos torna um povo. Como ficaríamos impressionados com isso, se não déssemos tudo por óbvio!

O “antes” de que falamos nestes dias continua a acontecer. Pensemos simplesmente naquilo que aconteceu hoje, até agora – se a nossa distração não nos venceu –: o Mistério continuou a tomar a iniciativa, como experimentou quem teve a sorte de ouvir a música como a forma pela qual Ele nos estava abraçando agora (a música não é uma decoração, e sim, mais uma vez, a forma da Sua iniciativa para conosco), ou quem teve a sorte de rezar o Ângelus como se tivesse sido a primeira vez, aliás, com muito mais comoção do que da primeira vez, pois esse acontecimento continua a acontecer agora, pois diante do nosso mal, do nosso erro, da nossa distração, de todas as nossas “imundícies”, como diz o salmo, Ele não se cansa de tomar a iniciativa; e o mesmo se pode dizer das laudes, ou da canção que acabamos de ouvir.

O que vivemos nestes dias é um gesto, e agora devemos olhar para a experiência que vivemos nesse gesto. Não somos uma agência de palestras, isso não seria suficiente para criar um povo. Quero ler para vocês, entre as muitas notas que recebi, a mensagem de uma de vocês, que ela escreveu depois da assembléia de ontem: “É desconcertante. Estou tão comovida que fico sempre com lágrimas nos olhos e um grande desejo de silêncio”. Ontem, um dos mais velhos entre nós, com quem parei para conversar, entre uma coisa e outra me disse, comovido: “A mesma experiência dos velhos tempos, sem tirar nem pôr”. E, diante do acontecimento que reacontece, o nosso drama se reapresenta, idêntico: ou seja, nós podemos ver se cedemos ou se resistimos à beleza. Eu não convido vocês a fazerem uma meditação sobre a resistência ou sobre a beleza de uma forma abstrata, mas a dizerem se, diante do que aconteceu nestes dias – pois ninguém pode ficar neutro –, vocês cederam ou resistiram. Dá para ver isso pela cara. Dá para ver esse drama que se desenvolve no íntimo do coração de cada um de nós pela nossa cara. Afinal, nós também podemos dizer, como o jovem de que eu falei ontem: “Vou tomar cuidado para

não me deixar levar; não sou ingênuo”. Nós também poderíamos ter dito o mesmo, sem tirar nem pôr.

“Se não credes em mim”, dizia Jesus, “crede nas minhas obras: as obras falam de meu Pai”⁸⁹, do Mistério, tornam-No presente. Devemos, então, ver se nestes dias fizemos experiência da religiosidade; não se sabemos o que é a religiosidade, mas se fizemos experiência da religiosidade, pois de gente que sabe o que é a religiosidade os cemitérios estão cheios (“Conhecia muito bem a teoria”, diz o epitáfio). Basta pensar em quantas vezes cada um de nós se surpreendeu, nestes dias, dizendo “Tu”, e teríamos a prova do que aconteceu. O ponto não é se participamos das laudes ou das assembléias: a pessoa pode ter participado das laudes, da missa, pode ter rezado o Ângelus, pode ter ficado aqui o dia inteiro ouvindo coisas verdadeiras e grandes e não ter dito “Tu”, ou seja, não ter chegado ao reconhecimento comovido da presença d’Ele.

Um de vocês me escreve: “Como fiquei impressionado hoje quando me dei conta d’Ele, vendo estes corações, de todas as raças e nações, ‘tomados’: Ele estava agindo, mais forte do que qualquer problema”. O olho simples O vê quando Ele age, é facilitado, por essa ação, a reconhecer a Sua presença. Estes dias não foram uma palestra a mais, mas uma verificação, um gesto no qual experimentamos o drama que se desenvolve na nossa vida. Não estávamos aqui para aprender um pouco mais de teoria para depois pôr em prática quando voltarmos para casa. O problema, portanto, é se nós, aqui, fizemos experiência do que ouvimos ou não.

Isso permite entender por que eu fiz a palestra sobre o capítulo de *Por que a Igreja*. A assembléia do primeiro dia deixou evidente que não basta possuir a resposta adequada para que essa resposta seja nossa, seja parte do nosso olhar, seja a forma como nos relacionamos com a realidade, a ponto de reconhecermos o Mistério. Vimos toda a dificuldade que temos para reconhecer o Mistério na realidade, vimos isso diante dos olhos, ao alcance das nossas mãos, vimos a luta. Será preciso voltar às assembléias para ver o que aconteceu, pois ali ficou evidente que, sem uma solicitação contínua (como dissemos na palestra) e sem uma correção, a meditação dos Exercícios nunca se tornará nossa: é preciso um lugar no qual sejamos educados e acompanhados a reconhecer o Mistério, onde cada um de nós possa experimentar o contragolpe de uma Presença que lhe facilita esse reconhecimento.

O Mistério entrou na história como um fator da realidade para que se tornasse possível aos homens a familiaridade com Ele. O Mistério já existia, não começou a existir quando entrou na história. Por que, então, entrou nela como um fator da realidade, como fator histórico?

⁸⁹ Cf. *Jo* 14,11.

Porque, se não tivesse entrado na história, o Mistério – que já estava lá, pois o mundo e os homens já existiam – teria continuado distante. É a mesma coisa para nós, hoje, sem tirar nem pôr: se o Mistério não entra na nossa história como fator da realidade, não é possível para nós a familiaridade última com Ele, não é possível uma educação ao senso religioso. É preciso, por isso, reconhecer que somos necessitados de uma presença histórica que nos acompanhe, que nos leve a reconhecer o Mistério, que estabeleça conosco uma luta diante de qualquer redução, de qualquer tentativa nossa de nos deter na aparência, de substituir o Mistério por ídolos quaisquer.

São necessárias presenças que facilitem esse reconhecimento. Só quem se deixa acompanhar e gerar assim poderá acompanhar e gerar outras pessoas: “Só gera quem é gerado”⁹⁰. E assim poderemos sair do dilema, no qual tantas vezes nos encontramos (como dizíamos ontem na assembléia), entre intervencionismo e abstenção: ou um intervencionismo que elimina o outro ou, sendo que não sabemos agir de outro jeito, uma abstenção. Nós não vemos, não conseguimos imaginar outro caminho, para não tomar o lugar do outro, a não ser nos retirar. O mistério teve mais imaginação do que nós: introduziu uma presença real, que, ao se apresentar com toda a sua imponência, tornou possível o surgimento do eu. Sem isso, não teria havido o eu. É preciso que haja presenças. Só se nos deixamos gerar, nós – que somos responsáveis – podemos acompanhar outras pessoas. Ou seja, primeiro devemos reconhecer que precisamos ser gerados. Para poder gerar, devemos aceitar ser necessitados.

Podemos gerar, podemos guiar, podemos acompanhar os outros somente se temos a coragem de reconhecer o Mistério que vem ao nosso encontro no sinal. Nós não devemos oferecer manuais de instruções: devemos correr o risco, devemos ter a audácia de que o nosso guiar seja seguir o sinal, acompanhar para que se complete o percurso do sinal até o Mistério. Isto é a educação: não explicar a realidade, mas introduzir à realidade, e introduzir à realidade é introduzir ao Mistério, é introduzir ao mistério da realidade, é introduzir ao coração da realidade, ao mistério último da realidade.

Só quem está disponível a seguir o sinal até o Mistério pode educar. Educar é uma coisa emocionante. Quem educa você não é uma pessoa que lhe explica a vida “olhando os touros das arquibancadas”, que lhe oferece um manual de instruções, mas alguém que vive diante de você seguindo a forma por meio da qual o Mistério se torna presente na realidade: essa pessoa pode introduzir você na realidade, pois ela mesma

⁹⁰ Cf. Giussani, L. “Ninguém gera, se não é gerado”. In: *Litterae Communionis* n° 58, julho/agosto de 1997, p. 26.

segue o Mistério no sinal. Esta é a educação, a função educativa da Igreja, em continuidade com a função educativa de Cristo: educar o senso religioso, educar à religiosidade, ou seja, educar a entrar na realidade até a sua nascente, até o Mistério. Só quem vive essa religiosidade pode educar, ou seja, só quem penetra a realidade até o seu coração, quem nos leva até o fundo da aparência, quem chega até o Tu pode educar. Só quem vive isso educa, ou seja, pode fazer o eu desabrochar, pois o eu não desabrocha graças a um manual de instruções, mas tão-somente diante do Mistério. Quem é que tem tamanha capacidade de fascínio a ponto de tomar todo o nosso eu, a não ser o Mistério? Quem é que nos corresponde, a não ser o Mistério? Por isso, se não houver quem me acompanhe e me ponha em relação com o Mistério, o meu eu não vai desabrochar. Por isso, quando tomamos o lugar do outro, nós não educamos: criamos soldadinhos, que é o que os manuais de instruções conseguem produzir, mas não permitimos que o eu desabroche. Só o Mistério é capaz de suscitar o eu em sua integridade.

Nós não acompanhamos, portanto, sendo gestores, “mediadores” dos outros na relação com o Mistério. O “mediador” quer poupar você da vertigem do Mistério (“Deixa comigo”. “Não, obrigado”), pensa ter uma linha direta com o Mistério, pensa que já sabe o que o Mistério quer na relação com você. Não! O eu é relação direta com o Mistério. O que Dom Giussani diz parece ser muito pouco, mas é decisivo. O mediador acredita que sabe o que o Mistério reserva para você. Mas quem o poupa do Mistério engana você: é uma tentativa de posse. Só existe um verdadeiro mediador: Cristo. O que significa Cristo como figura? Cristo é o mediador, pois viveu em primeira pessoa a Sua relação com o Mistério, com o Pai, e quando alguém procurou afastá-lo disso, como Pedro, Ele o mandou para aquele lugar: “Vai para longe de mim!”⁹¹. Cristo gerou os discípulos, não porque explicou a eles algumas coisas, mas porque viveu em primeira pessoa, até a cruz, até o último instante, a Sua relação única e pessoal com o Mistério. O problema d’Ele não era organizar a Igreja, mas viver a vontade do Pai, e assim Ele gerou a Igreja, gerou o povo, e nos gera.

O nosso problema não é a gestão ou a organização do nosso povo: o meu e o seu problema é viver! Somente quem vive pode gerar um povo, pode ser realmente meio para a relação direta com o Mistério, pois põe o outro em relação com Ele. Dom Giussani dizia uma frase de que eu nunca me esqueci: “Jesus não ligava a si, mas ao Pai”⁹². Paradoxalmente, foi isso que disse o Papa a respeito de Dom Giussani, em seu fune-

⁹¹ Cf. Mt 16,23; Mc 8,33.

⁹² Cf. Giussani, L., Alberto, S., Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão, Rizzoli, 1998, pp. 53-56.

ral: “Não ligava a si, mas a Cristo, e por isso gerou um povo”⁹³. O que nós vivemos é a presença de Cristo hoje por meio da figura de Dom Giussani, que, justamente na medida em que viveu tão intensamente a relação com o Mistério, nos educou, com tenacidade, a não termos na vida outra finalidade além dessa.

Nós só podemos – à imagem de Cristo, no seguimento de Dom Giussani – gerar, se, antes de mais nada, seguimos, de forma tal que sejamos facilitados a reconhecer o Mistério. O método não pode ser outro diferente de seguir alguém que segue, olhar para alguém que olha, reconhecer entre nós as pessoas que vivem assim, aquelas que o Senhor nos dá para facilitar o nosso caminho, para nos ajudar, para nos educar à religiosidade, mesmo que sejam as que chegaram por último. Não é um problema dos papéis que as pessoas exercem, é um problema de verdade: só quem vive uma relação verdadeira com a realidade nos educa.

Ora, justamente porque Cristo é o sinal dos sinais e nos introduz ao coração da realidade, tudo – na relação com Ele – se torna sinal, pode ser reconhecido por aquilo que é, ou seja, como sinal. Parafraseando Guardini, podemos dizer: na história de um grande amor, tudo se torna sinal. Então, qualquer circunstância é a forma pela qual o Mistério me alcança, me chama, me convoca. Somos todos como o jovem médico que vive lá em Harvard, sozinho, diante do Mistério que o chama por intermédio daquela circunstância. A nenhum de nós, mesmo que estejamos cercados de amigos, isso é poupado. Realmente, poderíamos até ter estado aqui estes dias e não ter dito “Tu” a Cristo, ao Mistério. Ninguém nos poupa do drama desse reconhecimento: mesmo no lugar que mais me facilita, ninguém pode me substituir ao dizer “Tu”. Cristo pode me facilitar, pode mostrar-se com toda a Sua plenitude, com toda a Sua força, com toda a atração da Sua beleza, mas não me poupa do “Tu”. Nisso, somos todos iguais, seja qual for a circunstância em que nos encontremos.

Viver a religiosidade é a única coisa que gera verdadeira amizade, pois a amizade é caminhar juntos para o destino, ir juntos até o Mistério. Essa é a única verdadeira amizade, a única que dura; o resto são relações de conveniência. Todos os outros tipos de relações, fora disso, são políticos. Precisamos decidir: queremos estabelecer entre nós relações políticas, de conveniência, ou queremos ser amigos de verdade? Queremos nos enganar ou nos acompanhar até o destino?

Todos temos claro quais são os instrumentos que o Senhor nos deu nesta história para nos educar. Mas, cuidado, a Escola de Comunidade

⁹³ Cf. Ratzinger, J. “Apaixonado por *Cristo*. Em um encontro, o *caminho*”. In: *Passos Litterae Communionis* n° 59, março de 2005, p. 8.

– que é o primeiro instrumento – não se torna nossa porque a levamos por aí debaixo do braço, ou porque a pomos no criado-mudo, ou porque estamos inscritos nela; ela se torna nossa se se torna companhia, introdução à realidade; ela é parte daquele “antes” com o qual o Mistério me acompanha. E a verificação do que ela me diz, eu não a faço nos meus pensamentos, eu a faço na realidade. A Escola de Comunidade é para que vivamos, não para que possamos adotar um discurso; ela me é dada, não como deixa para os meus pensamentos, mas para me introduzir na realidade. O que se comunica nela é a experiência de alguém que viveu aquilo de que estamos falando, e por isso nos introduz na realidade. E é na verificação que eu fico cada vez mais fascinado por essa história que me tomou, que sou cada vez mais grato por ter encontrado um caminho assim, um homem assim. Assim, a pessoa dá espaço à Escola de Comunidade, também em momentos de silêncio. Se vocês não têm tempo para isso, perguntem-se onde está o seu coração. O mesmo vale para a caritativa, como forma pela qual somos introduzidos no mistério do Ser, que é caridade.

O ano que temos pela frente nos é dado para podermos ver ainda mais Cristo em ação, se estivermos disponíveis. Peçamos juntos a Nossa Senhora, então, que tenhamos essa disponibilidade. “O responsável”, diz Dom Giussani em *Certi di alcune grande cose*, “é o homem mais obediente que pode existir”. “Nós traímos os nossos amigos, se não vivemos *nós, aqui*, a coisa que dissemos”: “vamos embora, como responsáveis, e assim teremos menos responsabilidades”⁹⁴. Peçamos a Nossa Senhora que nos dê a disponibilidade a seguir o Mistério por meio da forma pela qual Ele nos chama.

⁹⁴ Giussani, L. *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*. Op. cit., p. 90.

Sumário

Premissa	3
<hr/>	
Introdução	5
<hr/>	
Assembleia da manhã	12
<hr/>	
Assembleia da tarde	34
<hr/>	
Palestra	46
<hr/>	
Assembleia	59
<hr/>	
Síntese	74

Parte integrante da revista *Passos Litterae Communionis*, nº 87, outubro de 2007.

Diretora: Isabella S. Alberto

Tradução: Durval Cordas

Diagramação: Urbania

Impressão: Neoband Gráfica

